



CENTRO
RELIGIOSO
AFRO-
BRASILEIRO

SAULO OLIVEIRA COSTA JUNIOR

CENTRO RELIGIOSO AFRO-BRASILEIRO

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
do Curso de Arquitetura e Urbanismo
da Pontifícia Universidade Católica de
Goiás, Escola Politécnica e de Artes.
Orientador: Arq. Profº. Me. Jesus
Henrique Cheregati.

GOIÂNIA 2024

APRESENTAÇÃO

O TCC é a atividade de formação obrigatória para conclusão do curso de Arquitetura e Urbanismo, com recomendações expressas nas Diretrizes Curriculares Nacionais e constitui-se como trabalho acadêmico individual, de caráter projetual, com tema livre, mas obrigatoriamente relacionado às atribuições profissionais do arquiteto; sendo uma atividade anual, desenvolvida nos dois últimos semestres letivos do curso, correspondentes a duas etapas nas quais ele se desdobra: TCC I, penúltimo semestre e o TCC II, último semestre; sendo seu produto final o projeto de arquitetura, urbanismo e/ou paisagismo.

Os trabalhos de caráter teórico, histórico e/ou técnico, que também constituem áreas de atuação do arquiteto e urbanista, neste caso, se fazem presentes por meio das reflexões e decisões projetuais, evidenciando a capacidade do futuro profissional de fundamentar conceitualmente suas proposições. Essa base teórica denominamos de caderno teórico, tem como objetivo apresentar levantamentos, diagnósticos e justificativas que irão nortear o trabalho que findará no TCC I em um estudo preliminar e no TCC II em um anteprojeto. Para tanto, o TCC I, desenvolvido em 3 meses, pretende

abarcando todas as questões relevantes ao tema, sem delongas. Essas questões iniciam com um assunto introdutório pertinente ao tema, seguido pela temática que é o universo maior que envolve esse tema, que é o assunto em si escolhido e justificado pelo aluno que se transformará em um anteprojeto. Sem menos importância, o lugar onde esse projeto será edificado, é levantado e justificado com todas as suas características incluindo seu entorno imediato e suas ligações com a cidade e/ou região. O programa é representado pelo quadro síntese e fluxogramas que são baseados nas necessidades do tema, de seus usuários, bem como dos 2 estudos de casos análogos ao tema escolhido. Por fim, surge a proposta teórica com setorizações do programa no lote como precursora do estudo preliminar no fim desse primeiro semestre que se transformará no anteprojeto no semestre seguinte no TCC II. Por fim, vale acrescentar que esse caderno é um documento norteador e referencial para o projeto e que pode sofrer modificações durante todo o processo do trabalho de conclusão do curso sendo um momento privilegiado de aprendizagem, de produção de conhecimento e de avaliação do curso.

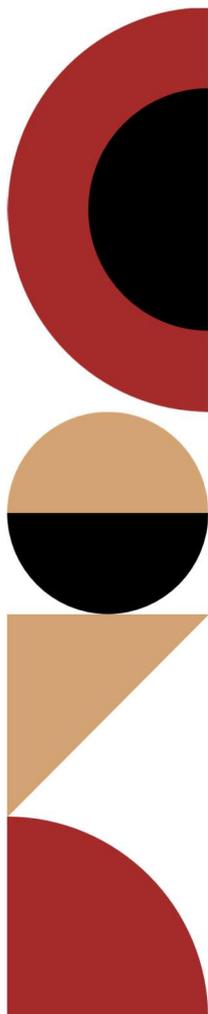


Até hoje, a família de Zélio Fernandino de Moraes não sabe explicar ao certo o problema de saúde que ele teve aos 17 anos. Só sabe dizer que, por vários dias, o estudante que sonhava seguir carreira na Marinha não conseguia sequer levantar da cama.

Preocupada, sua família, uma das mais tradicionais de São Gonçalo, a 25 km do Rio, o levou a inúmeros médicos. Nem o tio do rapaz, o psiquiatra Epaminondas de Moraes, quis arriscar um diagnóstico. O máximo que uma "rezadeira" conseguiu foi aconselhá-lo a desenvolver sua mediunidade. Um dia, Zélio acordou bem disposto e aparentemente curado. Na dúvida, um amigo sugeriu uma visita à Federação Espírita do Estado do Rio, em Niterói. Era o dia 15 de novembro de 1908.

Chegando lá, o médium José de Souza, que dirigia a sessão espírita kardecista, pediu que Zélio sentasse à mesa. A certa altura, espíritos de caboclos (ancestrais indígenas brasileiros) e pretos velhos (escravos africanos) começaram a se manifestar. Na mesma hora, o dirigente, alegando que eram espíritos "atrasados", pediu que se retirassem. Logo, Zélio foi incorporado por uma entidade que saiu em defesa das demais: "Se não houvesse ali espaço para espíritos de negros e índios cumprirem sua missão, ele (espírito) fundaria, já no dia seguinte, um novo culto na casa de Zélio". Quando perguntaram seu nome, a entidade respondeu: "Caboclo das Sete Encruzilhadas". E, em seguida, completou: "Para mim, nunca haverá caminhos fechados".





SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

TEMÁTICA

TEMA

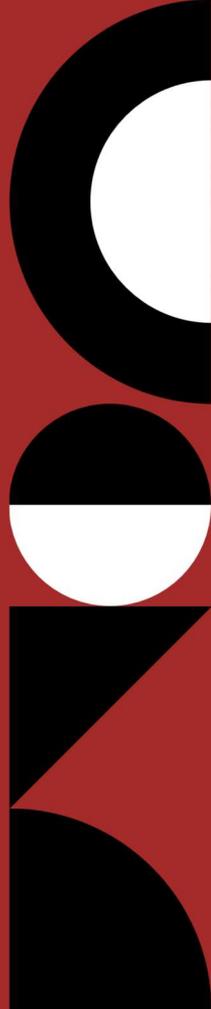
JUSTIFICATIVA

ESTUDOS DE CASO

PROGRAMA DE NECESSIDADES

PROPOSTA TEÓRICA E

CONCEITUAL



INTRODUÇÃO



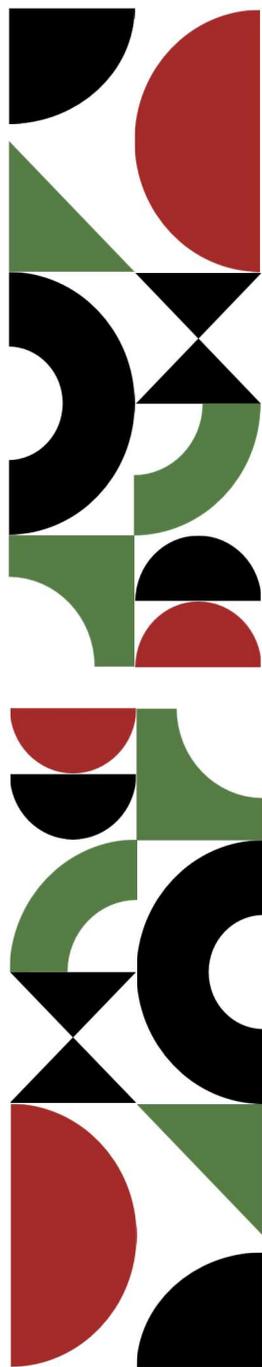
As religiões de matriz africana (RMA) desempenham um papel fundamental e estruturante na formação da espiritualidade e da rica tapeçaria cultural brasileira. Trazidas ao Brasil pelos africanos escravizados durante o período colonial, essas práticas religiosas não apenas sobreviveram a séculos de repressão cultural e religiosa (FRANCO, 2021, p. 31), mas também se transformaram e se adaptaram, dialogando com elementos das culturas indígena e europeia. Essa profunda influência manifesta-se não apenas em rituais e práticas, mas também na concepção e vivência de seus espaços sagrados, cuja arquitetura e organização refletem suas cosmovisões e necessidades comunitárias. Como aponta Frade (2007, p. 19, conforme citado por SCOTTÁ, 2010, p. 17), a arquitetura sagrada busca materializar a relação do homem com o divino, criando "lugares sagrados" dedicados à adoração e celebração.

Neste contexto multifacetado, a Umbanda emerge como uma religião genuinamente brasileira, sincrética, que amalgama elementos do Candomblé, do catolicismo popular, do espiritismo kardecista e das tradições indígenas.

Renata Silva Bergo (2011, p. 34) destaca que, ao incorporar esses diversos elementos, a Umbanda criou uma identidade religiosa única, profundamente conectada com o Brasil, onde figuras como o caboclo simbolizam a conexão com a espiritualidade indígena e a resistência das populações nativas (BERGO, 2011). Os terreiros de Umbanda, conforme descrito por Tamara Vieira (2020, p.

172), transcendem a função de meros locais de culto, configurando-se como "espaços de pertencimento" e colhimento, especialmente para populações marginalizadas. Apesar de sua inegável importância social e cultural, as religiões de matriz africana, incluindo a Umbanda, historicamente enfrentam e continuam a enfrentar um cenário de profunda intolerância, discriminação e violência, reflexos de um racismo estrutural que permeia a sociedade brasileira (FRANCO, 2021, p. 30, 35; CAMPOS; RUBERT, 2014, p. 295). Essa hostilidade, como analisado por Franco (2021, p. 30), impôs aos praticantes uma contínua luta pela preservação e ressignificação de suas crenças. Dados do IBGE (2010) indicam que, embora aproximadamente 0,3% da população se identifique formalmente com as RMA, sua influência cultural é vastamente subnotificada. Em Goiânia, observa-se uma presença significativa de terreiros, que, no entanto, padecem com preconceitos, dificuldades de manutenção e escassez de apoio público e políticas de reconhecimento. Esta realidade sublinha a urgência de se pensar e propor espaços que não apenas atendam às necessidades litúrgicas, mas que também promovam a valorização dessas culturas e o combate à intolerância.

A arquitetura, nesse sentido, possui um papel crucial. A criação de espaços religiosos qualificados e representativos é uma forma de reconhecimento e legitimação. A história da arquitetura religiosa em Goiás, como estudada por Deusa Maria Rodrigues Boaventura (2001) em Vila Boa, demonstra a longa tradição de construção de edifícios sagrados como marcos urbanos e sociais. O presente trabalho se insere nessa discussão, propondo um Centro Religioso Afro-Brasileiro em Goiânia que funcione não apenas como um terreiro de Umbanda, mas também como um centro cultural e educativo, um espaço de imersão, diálogo e respeito à diversidade. Tal proposição dialoga com o "direito à cidade" teorizado por Henri Lefebvre, ao buscar a inscrição dessas manifestações culturais na paisagem urbana e garantir o acesso a espaços que reflitam a identidade e as necessidades de seus praticantes (CARLOS, 2020, p. 351, 355).



A patrimonialização de saberes e fazeres, como discute Maira de Oliveira Dias (2015, p. 11, 17), também é um processo relevante para a valorização e salvaguarda dessas tradições. Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), em sua primeira etapa, está estruturado da seguinte forma:

O Capítulo 2, "Delimitação do Problema e Justificativa", aprofundará a análise da ausência e precariedade de espaços adequados para as práticas de matriz africana, seus impactos sociais e urbanísticos, e a relevância do tema, embasado em dados e referências.

O Capítulo 3, "Questão de Pesquisa e Objetivos", formulará a pergunta norteadora do trabalho e os objetivos geral e específicos que se busca alcançar.

O Capítulo 4, "Fundamentação Contextual", reunirá a revisão de literatura sobre o panorama das religiões afro-brasileiras e sua arquitetura, a discussão sobre arquitetura religiosa e espaço sagrado em um contexto mais amplo, e a análise do contexto urbano e social de Goiânia.

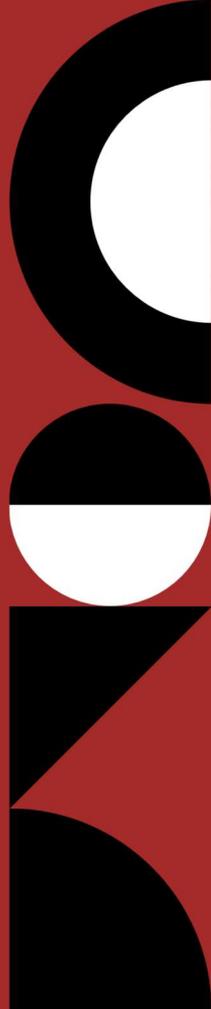
O Capítulo 5, "Estudos de Caso", apresentará e analisará projetos referenciais que informam a proposta.

O Capítulo 6, "Diretrizes Projetuais e Proposta de Solução", sintetizará as necessidades identificadas e estabelecerá as diretrizes conceituais e arquitetônicas para o projeto.

O Capítulo 7, "Proposta Arquitetônica", descreverá o partido inicial do projeto, seu programa detalhado e as primeiras concepções espaciais.

O Capítulo 8, "Síntese: Articulação entre Teoria e Proposta", buscará demonstrar a coerência entre a pesquisa desenvolvida e as soluções projetuais iniciais.

Finalmente, o Capítulo 9, "Conclusão", apresentará as reflexões finais desta etapa do trabalho, e o Capítulo 10 "Referências Bibliográficas", listará todas as fontes consultadas.



**DELIMITAÇÃO DO
PROBLEMA E
JUSTIFICATIVA**



O presente Trabalho de Conclusão de Curso debruça-se sobre uma questão central para a arquitetura, o urbanismo e a sociedade brasileira: a necessidade de espaços dignos, representativos e funcionalmente adequados para as religiões de matriz africana (RMA). Este capítulo visa delimitar com clareza o problema que impulsiona esta pesquisa – a notória ausência e precariedade de tais espaços, especialmente no contexto goianiense – e justificar a relevância social, cultural, arquitetônica e urbanística da proposição de um Centro Religioso Afro-Brasileiro. Para tal, serão explorados os impactos dessa carência, desde a perpetuação da intolerância religiosa e da marginalização social até a invisibilidade dessas manifestações na paisagem urbana e a consequente ausência de políticas públicas efetivas.

O Problema: Ausência e Precariedade dos Espaços para Práticas de Matriz Africana

A realidade vivenciada pelas comunidades de religiões de matriz africana no Brasil é frequentemente marcada pela escassez de espaços arquitetonicamente planejados e institucionalmente reconhecidos para suas práticas litúrgicas e sociais. Embora os terreiros sejam o epicentro da vida religiosa e comunitária, muitos funcionam em condições de grande precariedade, frequentemente como resultado de processos de autoconstrução e com recursos limitados. O estudo de caso do Centro Espiritualista Ogum de Lei (C.E.O.L), analisado posteriormente neste trabalho, ilustra essa realidade com desafios como infraestrutura física inadequada, problemas de superlotação que comprometem o conforto e a funcionalidade dos rituais, dificuldades relacionadas ao conforto ambiental (térmico e acústico) e, por vezes, a falta de integração com elementos naturais, tão caras a essas cosmovisões.

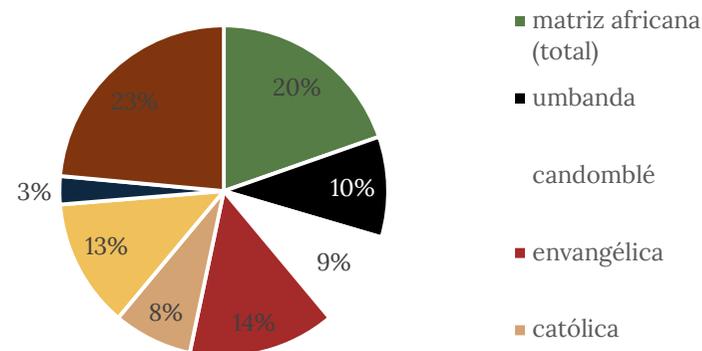
Essa carência de espaços adequados transcende a dimensão puramente material, configurando-se como um problema simbólico profundo.

A ausência de edificações que expressem a riqueza e a importância dessas tradições na paisagem urbana contribui para a sua invisibilidade e reforça um ciclo de marginalização. A luta por espaços dignos é, portanto, intrinsecamente ligada à luta por reconhecimento e respeito.

Impactos Sociais: Intolerância Religiosa e Marginalização

A precariedade e a invisibilidade dos espaços dedicados às religiões de matriz africana são tanto causa quanto consequência de um persistente e crescente quadro de intolerância religiosa e marginalização social no Brasil. Historicamente, essas religiões foram alvo de perseguição e repressão, inicialmente pela Igreja Católica e, mais recentemente, por alguns segmentos neopentecostais (FRANCO, 2021, p. 33). Como aponta Franco (2021, p. 30), a violência – seja ela física, simbólica ou psíquica – tem sido uma constante no cotidiano dos praticantes, inserida em um contexto mais amplo de racismo estrutural, o que configura o que se denomina "racismo religioso".

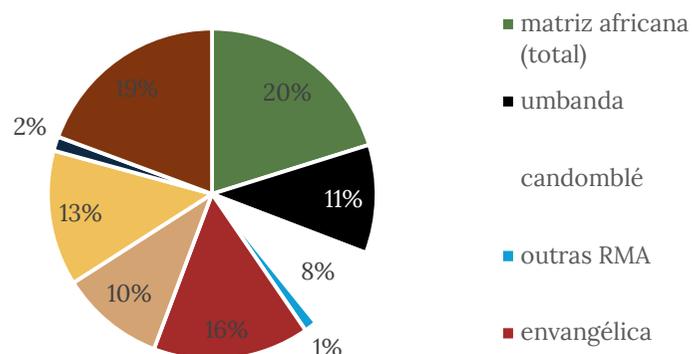
Detalhamento de Denúncias de Intolerância Religiosa no Brasil por Religião (2020)



Fonte: SANTOS et al., 2023, p. 36, 46, citando Disque 100/MDH



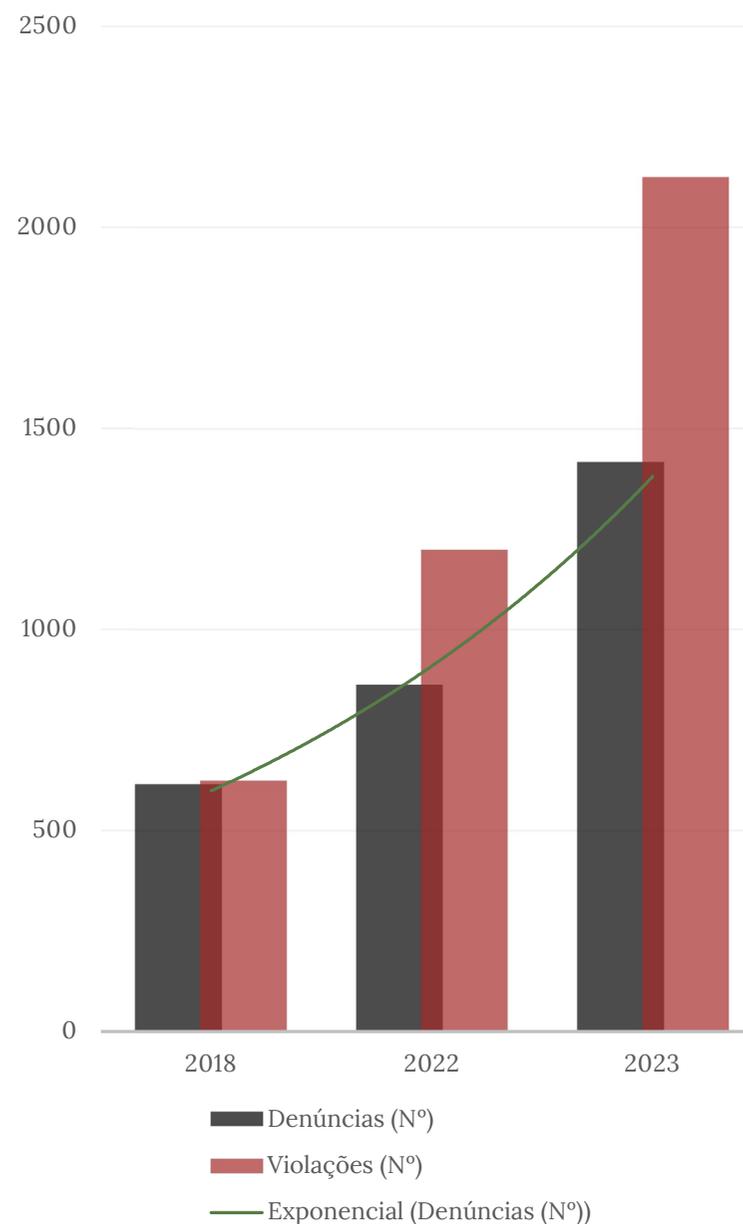
Detalhamento de Denúncias de Intolerância Religiosa no Brasil por Religião (2021)



Fonte: SANTOS et al., 2023, p. 36, 46, citando Disque 100/MDH

A demonização dessas práticas religiosas e a associação de seus rituais a algo negativo ou maléfico alimentam o preconceito e justificam atos de violência e vandalismo contra terreiros e seus adeptos (CAMPOS; RUBERT, 2014, p. 295). A legislação brasileira, apesar de garantir a liberdade de culto (BRASIL, 1988; SANTOS et al., 2023, p. 16) e criminalizar a discriminação religiosa através da Lei nº 14.532/2023 – que equipara a injúria racial ao racismo e protege a liberdade religiosa, tornando o crime inafiançável e imprescritível – muitas vezes se mostra insuficiente para coibir tais atos ou para assegurar o pleno direito dessas comunidades. Frequentemente, como relata Pai Marcelo de um terreiro na Região Metropolitana de Salvador, que sofreu dez invasões, há uma relutância por parte das autoridades em registrar a ocorrência como intolerância religiosa, enquadrando-a como "briga de vizinho" ou algo de "menor potencial ofensivo" (MONTEIRO, conforme citado em FANTÁSTICO, 2024).

Evolução Nacional das Denúncias e Violações de Intolerância Religiosa (Fonte: Fantástico/G1, 2024, citando MDHC Disque 100)



Impactos Urbanísticos: Invisibilidade e Ausência de Políticas Públicas

A marginalização social e a intolerância religiosa que afetam as religiões de matriz africana (RMA) transbordam para a esfera urbanística, resultando em uma acentuada invisibilidade dessas comunidades na paisagem das cidades brasileiras e na carência de políticas públicas que reconheçam suas necessidades espaciais. Diferentemente de templos de religiões majoritárias, que frequentemente ocupam locais de destaque, com arquitetura imponente e reconhecida como parte do patrimônio urbano, os terreiros e centros de RMA são, em sua maioria, relegados a periferias ou a edificações discretas, que não refletem sua importância cultural e social. Esta dinâmica reflete o que Carlos (2020, p. 353), ao discutir Henri Lefebvre, aponta sobre a cidade se tornar mercadoria e aprofundar a segregação espacial. Essa invisibilidade não é um acaso, mas uma manifestação espacial da exclusão e da falta de reconhecimento dessas práticas como parte legítima e valorizada da identidade urbana.

A obra do geógrafo brasileiro Milton Santos oferece um arcabouço teórico fundamental para compreender esses impactos urbanísticos. Santos (1987; 2006; 2008) analisou o espaço geográfico não como um palco neutro, mas como um produto social, um campo de forças onde se manifestam e se reproduzem as desigualdades e as relações de poder. Para ele, o território é usado de forma desigual pelos diferentes atores sociais, refletindo e perpetuando as "cidadanias mutiladas" (SANTOS, 2008). No contexto das RMA, a dificuldade em estabelecer e manter seus espaços sagrados em áreas urbanas centrais ou valorizadas, e a frequente precariedade de suas instalações, podem ser interpretadas como uma expressão dessa cidadania espacialmente restrita.

A lógica da produção do espaço nas cidades brasileiras, muitas vezes dominada pelo "uso corporativo do território" – ou seja, pelos interesses do capital imobiliário e dos grandes agentes econômicos – frequentemente se sobrepõe às necessidades e aos usos

sociais e culturais das comunidades locais, incluindo as de matriz africana (SANTOS, 2006). Isso pode levar à expulsão dessas comunidades de áreas em processo de valorização ou à sua contínua invisibilização e falta de investimento público em infraestrutura. O "espaço banal", o espaço de todos e de ninguém, torna-se o lugar onde essas contradições e lutas por reconhecimento se materializam (SANTOS, 2006).

As "rugosidades" do espaço, outro conceito de Milton Santos (2006), referem-se às marcas do tempo e das relações sociais passadas que permanecem na paisagem presente, condicionando sua organização atual. A marginalização histórica das culturas afro-brasileiras e de suas práticas religiosas é uma dessas rugosidades que se reflete na dificuldade de encontrar políticas públicas de planejamento urbano e legislações de uso e ocupação do solo que considerem as especificidades e necessidades dos terreiros. A ausência dessas políticas reforça a invisibilidade e perpetua a precariedade.

Nesse sentido, a proposição de um Centro Religioso Afro-Brasileiro, como o que se objetiva neste trabalho, pode ser entendida como uma tentativa de intervir nesse espaço de desigualdades, buscando inscrever positivamente a presença das RMA na paisagem urbana de Goiânia. Trata-se de uma reivindicação pelo "direito à cidade", na acepção lefebvriana (CARLOS, 2020, p. 366), que implica o direito de existir, de se manifestar culturalmente e de participar da produção de um espaço urbano mais justo e inclusivo. O projeto de tal centro não visa apenas suprir uma carência funcional, mas também criar um novo "lugar" de significado e referência, que contribua para a visibilidade e o reconhecimento dessas comunidades.



Justificativa e Relevância do Projeto

Diante do problema exposto – a ausência e precariedade de espaços adequados, a intolerância religiosa, a marginalização social e a invisibilidade urbana das religiões de matriz africana – a proposta de um Centro Religioso Afro-Brasileiro em Goiânia justifica-se por sua múltipla relevância:

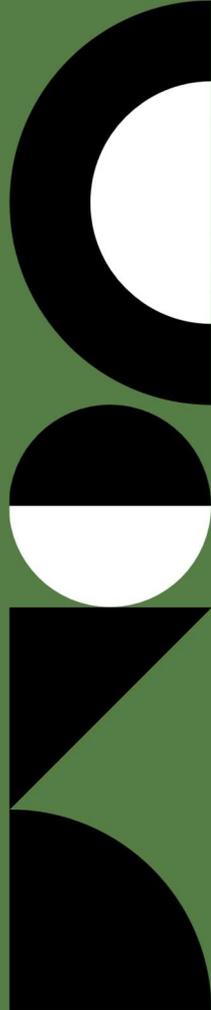
Relevância Social: O projeto visa criar um espaço de acolhimento, resistência e fortalecimento para a comunidade umbandista e demais praticantes de RMA. Ao oferecer um ambiente seguro e digno, contribui para o combate à intolerância religiosa e à discriminação, promovendo a autoestima e o empoderamento de seus frequentadores. Um centro dessa natureza pode se tornar um polo de diálogo intercultural, desmistificando preconceitos e promovendo o respeito à diversidade religiosa.

Relevância Cultural: As religiões de matriz africana são um pilar da identidade cultural brasileira. Um centro que integre funções religiosas, culturais e educativas atua diretamente na preservação, valorização e difusão dessas tradições. A criação de espaços museológicos e memoriais, como proposto, dialoga com a importância da patrimonialização de saberes e fazeres afro-brasileiros (DIAS, 2015, p. 17-18). A obra de Lélia Gonzalez é fundamental para entender a formação sociocultural do Brasil a partir da perspectiva da diáspora africana e da resistência da cultura negra. Seus conceitos sobre amefricanidade e a denúncia do racismo e sexismo estruturais podem embasar a importância de um espaço que celebre e afirme positivamente a identidade afro-brasileira. Da mesma forma, o pensamento de Abdias do Nascimento, com sua defesa intransigente da cultura e dos direitos da população negra e sua proposição do Quilombismo, oferece um arcabouço crítico para justificar a necessidade de espaços que funcionem como territórios de afirmação e resistência cultural e espiritual.

Relevância Arquitetônica e Urbanística: O projeto representa um desafio e uma oportunidade para a

arquitetura contemporânea: conceber um espaço que traduza a cosmovisão, a ritualística e as necessidades funcionais da Umbanda e de outras RMA, utilizando uma linguagem arquitetônica que seja ao mesmo tempo respeitosa às tradições e inovadora. A implantação de um Centro Religioso Afro-Brasileiro com qualidade arquitetônica e urbanística pode constituir um novo marco na cidade de Goiânia, contribuindo para uma paisagem urbana mais plural e representativa da diversidade de seus habitantes e promovendo a visibilidade e o reconhecimento dessas comunidades.

Em suma, a construção de um Centro Religioso Afro-Brasileiro transcende a mera edificação de um templo. Trata-se de uma ação afirmativa que busca reparar injustiças históricas, promover a cidadania cultural e enriquecer o tecido social e urbano, respondendo a uma demanda urgente por reconhecimento, respeito e espaços de vivência para as religiões de matriz africana.



QUESTÃO DE PESQUISA E OBJETIVOS



Após a delimitação do problema e a justificativa da relevância da temática, este capítulo se dedica a formalizar o direcionamento investigativo e os propósitos deste Trabalho de Conclusão de Curso. Serão apresentadas a questão-problema central que orienta a pesquisa e o desenvolvimento projetual, bem como os objetivos geral e específicos que se pretende alcançar.

Questão de Pesquisa (Questão-Problema)

Considerando a complexa realidade da ausência de espaços qualificados para as religiões de matriz africana (RMA), a persistente intolerância religiosa, a marginalização social e a invisibilidade urbana dessas comunidades, especialmente no contexto de Goiânia, a presente pesquisa busca responder à seguinte questão central:

Como projetar um Centro Religioso e Cultural Afro-Brasileiro que promova a valorização das religiões de matriz africana, com foco na Umbanda, conciliando de forma harmoniosa suas práticas espirituais, culturais, educativas e sociais, em um espaço arquitetônico que se integre respeitosamente ao contexto urbano de Goiânia e contribua ativamente para o combate à intolerância religiosa e para o fortalecimento da identidade cultural afro-brasileira?

Esta questão orientadora visa investigar não apenas as soluções arquitetônicas e urbanísticas, mas também as dimensões simbólicas, sociais e culturais que um equipamento desta natureza deve contemplar para ser efetivamente significativo e transformador.

Objetivo Geral

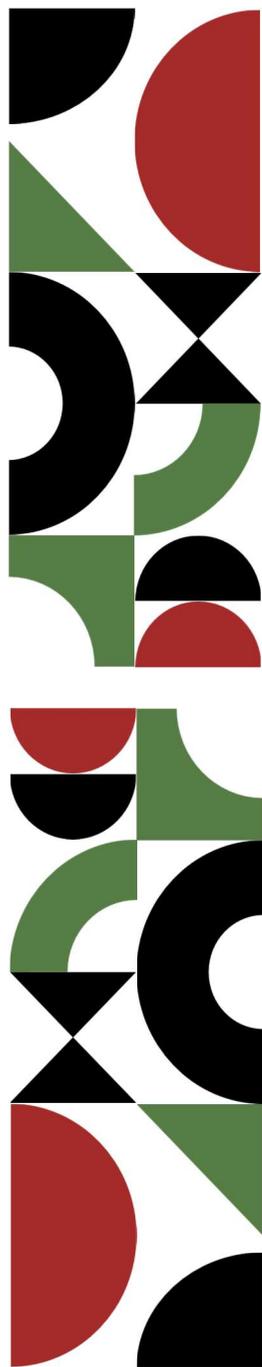
Propor um projeto arquitetônico para um Centro Religioso e Cultural Afro-Brasileiro em Goiânia, com foco nas práticas da Umbanda, que sirva como um espaço multifuncional de culto, preservação e difusão da cultura afro-brasileira, educação e convívio social, visando à valorização dessas tradições, à promoção do diálogo

intercultural, ao combate à intolerância religiosa e à sua inserção positiva e significativa na paisagem urbana.

Objetivos Específicos

Para alcançar o objetivo geral, serão perseguidos os seguintes objetivos específicos ao longo das etapas deste TCC:

1. Investigar os fundamentos histórico-culturais, os rituais e as necessidades espaciais específicas das religiões de matriz africana, com particular atenção à Umbanda, para embasar as decisões programáticas e conceituais do projeto.
2. Analisar o contexto urbano, social, cultural e legal da cidade de Goiânia no que tange à presença e às carências das comunidades de religiões de matriz africana, identificando desafios e potencialidades para a implantação do Centro proposto.
3. Realizar uma revisão bibliográfica sobre arquitetura religiosa, espaços sagrados, arquitetura cultural e comunitária, e estudos sobre cultura afro-brasileira e intolerância religiosa, buscando subsídios teóricos para a concepção do projeto.
4. Estudar e analisar criticamente projetos referenciais (estudos de caso) de centros religiosos, culturais e comunitários, tanto no Brasil quanto no exterior, que apresentem soluções formais, funcionais, simbólicas ou de integração urbana pertinentes ao tema.
5. Elaborar um programa de necessidades arquitetônicas detalhado para o Centro Religioso e Cultural Afro-Brasileiro, contemplando a diversidade de funções religiosas, culturais, educativas, sociais e de apoio.
6. Desenvolver uma proposta conceitual e diretrizes projetuais que orientem as escolhas de partido arquitetônico, materiais, soluções espaciais e estratégias de sustentabilidade e conforto ambiental, em consonância com a identidade e os valores das religiões de matriz africana.



7. Desenvolver o estudo preliminar e o anteprojeto arquitetônico do Centro Religioso e Cultural Afro-Brasileiro, incluindo representações gráficas (plantas, cortes, elevações, perspectivas) e textuais que comuniquem claramente a solução proposta. (Este objetivo se estende e se completa no TCC 2).

Considerações Metodológicas

A consecução dos objetivos listados e a resposta à questão de pesquisa demandarão uma abordagem metodológica plural. O desenvolvimento deste caderno teórico (TCC 1) e do projeto arquitetônico subsequente (TCC 2) se apoiará em:

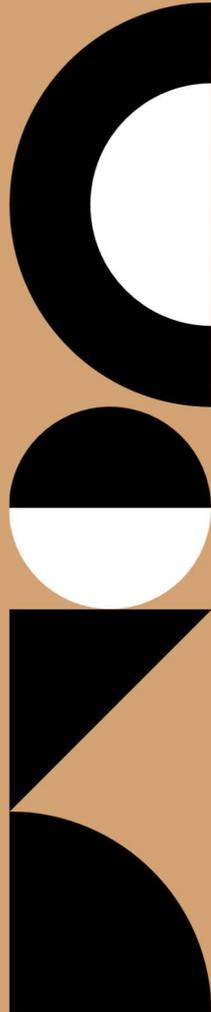
Pesquisa Bibliográfica e Documental: Levantamento e análise de literatura acadêmica (livros, teses, artigos) sobre religiões de matriz africana, arquitetura religiosa, estudos culturais afro-brasileiros, urbanismo, intolerância religiosa e patrimônio cultural. Serão consultadas fontes como os trabalhos de Bergo (2011) sobre a prática da Umbanda; Franco (2021) e Campos e Rubert (2014) sobre intolerância e racismo religioso; Frade (2007) sobre arquitetura sagrada; Dias (2015) sobre patrimonialização no campo religioso; e Carlos (2020) sobre o direito à cidade a partir de Lefebvre. Obras de autores como Lélia Gonzalez, Milton Santos e Abdias do Nascimento serão consultadas para aprofundar a compreensão sobre a cultura afro-brasileira e sua inserção no contexto nacional.

Análise de Estudos de Caso: Seleção e exame crítico
Análise Contextual: Estudo do local de implantação em Goiânia, considerando seus aspectos físicos, urbanísticos, sociais e legais.
e projetos arquitetônicos relevantes.

Desenvolvimento Projetual: Etapa de concepção arquitetônica, onde os conhecimentos adquiridos serão traduzidos em soluções espaciais.

A inclusão de referenciais da antropologia do espaço será importante para compreender como o espaço é culturalmente construído e significado, informando a

criação de ambientes que dialoguem com a cosmovisão da Umbanda. Autores como Edward T. Hall (A Dimensão Oculta) ou abordagens fenomenológicas da arquitetura, como as de Christian Norberg-Schulz (Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture), podem oferecer perspectivas valiosas sobre a relação entre o ser humano, o espaço e o lugar. Da mesma forma, metodologias de projeto arquitetônico que enfatizem a participação comunitária (se aplicável) ou o design centrado na experiência cultural e espiritual do usuário serão consideradas.



4. FUNDAMENTAÇÃO CONTEXTUAL



Este capítulo visa construir o alicerce teórico e contextual que sustenta a proposta do Centro Religioso Afro-Brasileiro. Serão explorados conceitos mais amplos de arquitetura religiosa e espaço sagrado, para então desenvolver um panorama histórico e espacial das religiões de matriz africana no Brasil.

4.1 Arquitetura Religiosa e o espaço sagrado

A relação intrínseca entre a experiência do sagrado e a conformação do espaço é um fenômeno transcultural e atemporal. A arquitetura, como disciplina e prática, tem sido historicamente o veículo pelo qual as sociedades não apenas abrigam suas atividades religiosas, mas também materializam suas cosmologias, simbolizam suas crenças e criam ambientes propícios à transcendência e à comunhão. Compreender os princípios que regem a concepção do espaço sagrado é fundamental para contextualizar a proposta de um Centro Religioso Afro-Brasileiro.

4.1.1. A Importância da Arquitetura na Construção do Espaço Religioso

A arquitetura religiosa desempenha um papel fundamental na formação cultural e social, pois é através dela que as sociedades demarcam e consagram porções do espaço, distinguindo-as do mundo profano e ordinário. Desde os primeiros templos até as grandes catedrais, os espaços sagrados refletem a relação do homem com o divino e expressam, através de sua construção, simbolismo, significado, crenças e valores de diferentes sociedades. O historiador das religiões Mircea Eliade, em sua obra seminal "O Sagrado e o Profano: A Essência das Religiões", explora profundamente essa distinção. Para Eliade (1992, p. 10), o espaço não é homogêneo para o homem religioso; ele apresenta "rupturas, quebras" que o distinguem qualitativamente. Essas rupturas são frequentemente ocasionadas por uma hierofania, uma manifestação do sagrado que "tem por efeito destacar um território do meio cósmico que o envolve e torná-lo qualitativamente

diferente" (ELIADE, 1992, p. 17). A arquitetura religiosa, então, surge como resposta a essa experiência fundamental: ela delimita, protege e monumentaliza esse "espaço sagrado", que é percebido como o único verdadeiramente real, o ponto fixo a partir do qual o "Mundo" é fundado e a orientação no caos se torna possível (ELIADE, 1992, p. 11, 28)*. A própria construção de igrejas no contexto colonial de Goiás, como analisado por Deusa Boaventura (2001) em "Arquitetura Religiosa de Vila Boa de Goiás no Século XVIII", exemplifica a materialização do sagrado e do poder religioso como elemento ordenador e central na estruturação dos novos assentamentos.

Nessa perspectiva, a tarefa da arquitetura transcende a mera funcionalidade. Como argumenta Christian Norberg-Schulz em "Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture", o objetivo da arquitetura é criar "lugares significativos" onde a vida humana possa se desdobrar e onde o homem possa "habitar" em um sentido existencial profundo (NORBERG-SCHULZ, 1980, p. 8). No contexto religioso, isso implica projetar espaços que não apenas sirvam às liturgias, mas que consigam corporificar e expressar o "espírito do lugar" sagrado, tornando-o uma realidade concreta e experienciável para a comunidade de fé. Um "lugar", para Norberg-Schulz (1980, p. 6), é um espaço com um caráter distinto, uma totalidade qualitativa.

4.1.2. Simbolismo e Função: O Espaço que Acolhe, Protege e Manifesta o Sagrado

A materialização do espaço sagrado através da arquitetura é intrinsecamente simbólica. Cada elemento construtivo, cada escolha formal e cada relação espacial pode ser imbuída de significado, traduzindo em termos visuais e táteis os princípios da fé e da cosmologia. A análise de Frade (2007) sobre a capacidade do espaço sagrado de representar uma ordem divina ressalta que os templos são projetados para serem mais do que funcionais. Eliade (1992, p. 40)* aprofunda essa concepção ao descrever o templo como uma imago mundi, uma imagem do Cosmos em miniatura.



A própria estrutura do templo pode simbolizar os diferentes níveis cósmicos e a relação entre eles. O limiar do espaço sagrado, por exemplo, não é apenas uma passagem física, mas "o lugar paradoxal de comunicação, o ponto onde se faz a passagem de um mundo para o outro" (ELIADE, 1992, p. 34)*.

No contexto da Vila Boa de Goiás do século XVIII, Boaventura (2001, p. 14) destaca que "a igreja era o local onde se realizavam as principais atividades da vida social, não somente as cerimônias litúrgicas, como também as festividades, as reuniões cívicas e até mesmo os enterramentos." Isso demonstra como a função do espaço religioso se expandia para além do estritamente cultural, integrando simbolicamente a vida da comunidade em suas diversas facetas. O templo, nesse contexto, era "o ponto de referência mais importante da cidade colonial" (BOAVENTURA, 2001, p. 15), acolhendo e protegendo a comunidade sob a égide do sagrado. O "genius loci", ou o espírito do lugar sagrado, como concebido por Norberg-Schulz (1980, p. 6)*, é essa qualidade atmosférica e existencial que torna um espaço verdadeiramente significativo e capaz de prover orientação e identidade aos seus usuários. A arquitetura, ao dar forma a esse "espírito", cria um ambiente que acolhe, protege e permite que o sagrado se manifeste e seja vivenciado, utilizando-se da forma, da luz, da materialidade e da escala para induzir ao recolhimento e à experiência do transcendente.

4.1.3. Discussão sobre o Papel dos Centros Religiosos na Cidade Contemporânea

Na cidade contemporânea, os centros religiosos continuam a desempenhar papéis complexos e relevantes, que frequentemente extrapolam suas funções litúrgicas primárias. Muitos atuam como importantes polos de vida comunitária, oferecendo serviços sociais, atividades culturais, educativas e de lazer. No caso específico das religiões de matriz africana, historicamente marginalizadas, um centro religioso pode assumir um papel ainda mais vital como espaço de resistência cultural,

afirmação identitária e combate ao preconceito (FRANCO, 2021, p. 31-32).

A inserção desses centros na malha urbana contemporânea é um tema de grande importância. Um centro religioso, ao se estabelecer em um determinado local, interage com a vizinhança, participa da paisagem urbana e pode contribuir para o "genius loci" daquela porção da cidade (NORBERG-SCHULZ, 1980, p. 166-169)*. Ele pode se tornar um ponto de referência, um local que confere identidade e significado não apenas para seus adeptos, mas também para a comunidade mais ampla. A arquitetura de um centro religioso contemporâneo, especialmente de um grupo minoritário, pode ser uma poderosa declaração de presença, um convite ao diálogo intercultural e um símbolo de uma cidade mais plural e inclusiva. A tradição da igreja como "elemento ordenador do espaço urbano" em Goiás, apontada por Boaventura (2001, p. 15) para o período colonial, encontra um novo eco na contemporaneidade, onde novos centros religiosos, como o proposto, podem buscar estabelecer-se como referências positivas e integradoras no tecido da cidade.



4.2 Panorama das Religiões Afro-Brasileiras e sua Arquitetura

4.2.1 Síntese Histórica da Umbanda e Candomblé

O Candomblé e a Umbanda são expressões proeminentes e distintas das religiões de matriz africana no Brasil, cada uma com uma trajetória e um corpo doutrinário próprios, mas interconectadas por raízes históricas e culturais. O Candomblé, mais diretamente ligado às tradições religiosas de diversas etnias africanas – como iorubás, fons (jejes) e bantos – foi recriado e reorganizado no Brasil a partir do legado cultural e filosófico dos africanos que foram escravizados e trazidos para o país (FRANCO, 2021, p. 33, citando MAURÍCIO, 2014; SANTOS, W. P., 2018, p. 10). Sua prática centraliza-se no culto aos orixás, inquices ou voduns, que são divindades representativas das forças da natureza, elementos cósmicos e ancestrais divinizados. Apesar dos brutais processos de desenraizamento e da imposição de outras culturas, o Candomblé notabilizou-se por sua capacidade de preservar e transmitir elementos essenciais da memória coletiva e das cosmovisões africanas em solo brasileiro (CAMPOS; RUBERT, 2014, p. 296, citando BASTIDE, 1974; FRANCO, 2021, p. 34, citando ORTIZ, 1999).

A riqueza e a complexidade do Candomblé se fundamentam, em grande medida, na sua vasta tradição oral e mitológica. Reginaldo Prandi, em sua obra referencial "Mitologia dos Orixás", demonstra a centralidade das narrativas míticas para a compreensão do panteão iorubá, o mais influente no Candomblé brasileiro. Os mitos, conforme se depreende do prólogo de sua obra, não são meras histórias, mas sim a chave para entender a identidade, os domínios, os temperamentos e as inter-relações entre os diversos orixás, como Exu, Ogum, Xangô, Iemanjá, entre outros (PRANDI, 2001, p. 13-17). Essa mitologia detalha a criação do mundo, a distribuição dos poderes divinos e os preceitos que regem a vida ritual e cotidiana dos adeptos, fornecendo um sistema cosmológico coeso e profundo que foi fundamental para a

rearticulação dessas crenças no contexto da diáspora.

De forma complementar, o trabalho etnográfico de Pierre Verger, notadamente em "Notas Sobre o Culto Aos Orixas e Voduns na Bahia de Todos os Santos, no Brasil, e na Antiga Costa dos Escravos, na África", ilumina a vitalidade e a resiliência dessas tradições através da meticulosa documentação de orikis – cantigas, louvações e epítetos dedicados às divindades. Como Verger explica na introdução de sua obra, esses textos da tradição oral, coletados tanto na África quanto no Brasil, são mais do que expressões poéticas; são documentos vivos que revelam os atributos dos orixás e voduns, os laços históricos e as continuidades culturais entre os dois continentes, evidenciando a notável capacidade de preservação da memória e da identidade religiosa pelos africanos e seus descendentes nas Américas (VERGER, 1999, p. 15-20). A análise desses orikis permite vislumbrar a profundidade da filosofia e da teologia iorubá e fon, e como elas foram mantidas e adaptadas nos terreiros brasileiros.

A Umbanda, por sua vez, emerge nesse cenário como uma religião distintamente brasileira, cujo marco de fundação é geralmente situado no Rio de Janeiro, no início do século XX, frequentemente associado à figura do médium Zélio Fernandino de Moraes em 1908 (SANTOS, W. P., 2018, p. 11; FRANCO, 2021, p. 34, citando BERKENBROCK, 2012). Ela se desenvolve a partir de um intenso processo de sincretismo, no qual elementos do Candomblé (como o culto a alguns orixás) se mesclam com o catolicismo popular (através da associação de orixás a santos católicos), o espiritismo kardecista (com a prática da mediunidade de incorporação e a crença na comunicação com espíritos) e as tradições espirituais indígenas (representadas pela figura dos caboclos) (FRANCO, 2021, p. 33, citando RIBEIRO, 2013).



Na Umbanda, ganham destaque entidades espirituais como os pretos-velhos, que representam a sabedoria e a resiliência dos antigos africanos escravizados, os caboclos, espíritos de indígenas ancestrais, e diversas outras linhas de guias que atuam na caridade e na orientação espiritual. Assim, enquanto o Candomblé se caracteriza por uma busca de maior fidelidade às suas raízes africanas e por uma complexa estrutura ritualística e mitológica herdada, a Umbanda se apresenta como uma síntese religiosa brasileira, marcada pela diversidade de suas influências e pela ênfase na caridade e no atendimento direto às aflições dos consulentes. Ambas, no entanto, compartilham a matriz africana como um de seus pilares fundamentais e enfrentam, historicamente, desafios semelhantes relacionados ao preconceito e à luta por reconhecimento e espaços adequados para suas práticas.

4.2.2 Reflexões sobre o Espaço Sagrado dessas Religiões: Terreiro, Congá, Tronqueira, Mata Sagrada

Os espaços de culto das religiões de matriz africana, comumente denominados terreiros – mas também conhecidos como roças, casas, ou barracões, dependendo da tradição e da região –, transcendem a mera função de locais para reuniões. Eles são concebidos como microcosmos que espelham a cosmologia dessas religiões, funcionando como um elo tangível entre o mundo material (Ayê) e o mundo espiritual (Orum). A própria fundação de um terreiro pode ser entendida como uma resposta a uma demanda espiritual, como exemplificado na etnografia de Bergo (2011, p. 22), onde a criação de uma "casa" de Umbanda surge da exigência de um Orixá. A estrutura e organização de um terreiro, portanto, são cuidadosamente pensadas para facilitar a interação com o sagrado e para dar suporte às complexas dinâmicas rituais e sociais da comunidade.

No coração do espaço ritual principal, especialmente nos terreiros de Umbanda, encontra-se o Congá, ou altar. Este é o centro sagrado, o ponto focal para onde convergem as energias e as atenções durante os trabalhos espirituais. No

Congá são dispostas imagens de santos católicos – reflexo do sincretismo –, representações de Orixás e entidades espirituais como caboclos e pretos-velhos, além de velas, flores, cristais, pomba, ervas e outros elementos com valor simbólico e ritualístico (BERGO, 2011, p. 75-76). É perante o Congá que os médiuns se posicionam para incorporação e onde são realizadas muitas das oferendas e preces. A sua arrumação e os elementos que o compõem variam consideravelmente entre diferentes casas, refletindo as particularidades da linha espiritual seguida e as orientações das entidades chefes do terreiro.

Um elemento espacial de crucial importância para a proteção e o bom funcionamento do terreiro é a Tronqueira. Geralmente localizada próxima à entrada principal do terreno ou do barracão, a tronqueira é um espaço consagrado às entidades Exu e Pombagira, considerados os guardiões das passagens, mensageiros entre os mundos e controladores das energias que circulam (BERGO, 2011, p. 97, nota 87). É na tronqueira que se realizam rituais específicos para agradecer e firmar essas entidades, garantindo a segurança do local contra influências negativas e assegurando que os trabalhos espirituais transcorram em ordem e equilíbrio. A tronqueira pode ser uma pequena casa ou um altar específico, contendo elementos como alguidares, velas, bebidas (cachaça, champanhe) e outros itens preferidos por essas entidades.

A intrínseca relação das religiões de matriz africana com as forças da natureza confere um papel de destaque aos elementos naturais dentro e ao redor do terreiro. A Mata Sagrada, ou a presença de um espaço verde preservado, é de fundamental importância. Muitos Orixás, como Oxóssi (senhor das matas e da caça), Ossaim (senhor das folhas sagradas) e diversos caboclos, têm na vegetação seu habitat e ponto de força. As mitologias dos Orixás, ricas em narrativas que os associam a domínios específicos da natureza – florestas, rios, pedreiras, mar (PRANDI, 2001, p. 17, ao descrever a amplitude da mitologia) –, reforçam essa conexão.



Pierre Verger (1999, p. 15-20), ao documentar os orikis, também evidencia como as louvações aos Orixás frequentemente exaltam seus poderes manifestos nos elementos naturais. Assim, a mata ao redor do terreiro, ou mesmo árvores e plantas específicas cultivadas em seu interior, são consideradas sagradas, servindo como locais para oferendas, banhos de purificação com ervas (folhas), e como morada de entidades. O cultivo de plantas litúrgicas e medicinais é uma prática comum e essencial, pois as folhas são ingredientes indispensáveis em inúmeros rituais. Em síntese, o espaço sagrado nos terreiros de religiões de matriz africana é multifacetado e dinâmico. Elementos como o Congá, a Tronqueira e a Mata Sagrada não são apenas componentes físicos, mas pontos de condensação de axé (força vital sagrada), articulando as dimensões simbólicas, rituais e sociais da vida religiosa. A concepção e o uso desses espaços refletem um profundo conhecimento cosmológico e uma constante negociação entre tradição e as necessidades da comunidade.

4.2.3 Dimensões Simbólicas, rituais e sociais do espaço

Os espaços de culto das religiões de matriz africana, notadamente os terreiros de Candomblé e Umbanda, são muito mais do que meras edificações; são territórios sagrados carregados de significados que se manifestam em suas dimensões simbólicas, rituais e sociais. A compreensão dessas dimensões é crucial para o desenvolvimento de um projeto arquitetônico que dialogue respeitosamente com essas tradições.

Dimensão Simbólica: O terreiro, em sua totalidade, é concebido como um espaço simbólico que representa um microcosmo do universo sagrado afro-brasileiro. Ele é um ponto de conexão entre o mundo terreno (Ayê) e o mundo espiritual (Orum), um axis mundi onde as energias divinas se manifestam e interagem com a comunidade. Cada elemento e setor dentro do terreiro possui uma carga simbólica específica. O Congá, ou altar, como descrito por Bergo (2011, p. 75-76) em um terreiro de Umbanda, é o coração simbólico do espaço ritual, concentrando as

energias das entidades e Orixás ali cultuados através de suas imagens e assentamentos. É o ponto focal para onde e direcionam as preces e onde o sagrado se torna mais palpável. Similarmente, a Tronqueira, o local consagrado a Exu, simboliza a proteção das fronteiras, o controle das energias que entram e saem, e a comunicação entre os diferentes planos da existência (BERGO, 2011, p. 97, nota 87).

A conexão com a natureza é um pilar simbólico fundamental. A "mata sagrada" ou a presença de vegetação e elementos naturais no terreiro simbolizam os domínios dos Orixás, como Oxóssi, senhor das florestas, ou Iemanjá, senhora das águas. A obra de Prandi (2001), ao detalhar a mitologia dos Orixás, revela como cada divindade está intrinsecamente ligada a um aspecto da natureza, e esses domínios são reverenciados e simbolicamente recriados ou acessados através do espaço do terreiro. Verger (1999), por meio dos orikis, também demonstra como as louvações aos Orixás e Voduns frequentemente invocam seus poderes manifestos nos elementos naturais, reforçando o simbolismo da terra, das águas e das plantas como sagrados.

Dimensão Ritual: A arquitetura e a organização espacial do terreiro são intrinsecamente moldadas pelas necessidades dos rituais. O barracão, principal espaço de culto, é onde ocorrem as cerimônias públicas, como as giras de Umbanda ou os Xirês do Candomblé. Seu layout, geralmente amplo e com um espaço central livre, permite a movimentação dos médiuns incorporados, as danças rituais e a formação da corrente mediúnica (BERGO, 2011, p. 76). O fluxo dentro do terreiro durante os rituais é cuidadosamente orientado, com caminhos e direções que possuem significados específicos, como a importância de saudar a Tronqueira ao entrar e sair, ou a forma de se aproximar do Congá. A disposição de elementos como os atabaques (instrumentos sagrados de percussão), o local do Pai ou Mãe de Santo, e a área da assistência, definem zonas rituais distintas, cada uma com sua função e importância para o bom desenvolvimento dos trabalhos espirituais.

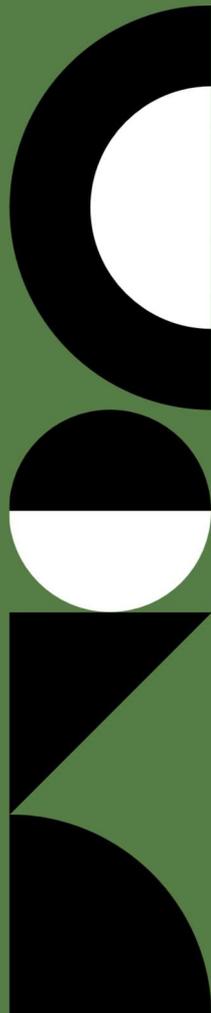


Os materiais utilizados, as cores das paredes, a iluminação e a ventilação também são pensados em função do ambiente ritual, buscando criar uma atmosfera propícia à concentração, à incorporação mediúnica e à manifestação do sagrado. As descrições etnográficas de Verger (1999) sobre os complexos rituais do Candomblé, por exemplo, ilustram como cada detalhe do espaço e dos objetos sagrados é fundamental para a correta execução das cerimônias e para a eficácia das oferendas.

Dimensão Social: Além de seu papel sagrado e ritual, o terreiro é um vibrante centro de vida social e comunitária. É um "espaço de pertencimento" (VIEIRA, 2020, p. 172), onde os adeptos encontram acolhimento, apoio mútuo e fortalecem seus laços identitários. A organização espacial do terreiro frequentemente reflete e reforça a estrutura social da comunidade, com hierarquias e papéis bem definidos. A distinção entre o espaço dos médiuns e o da assistência, por exemplo, demarca diferentes níveis de participação e responsabilidade dentro da casa (BERGO, 2011, p. 76).

O terreiro é também um local de transmissão de conhecimento, onde os mais novos aprendem com os mais velhos através da observação, da participação e da vivência cotidiana, como sugere a própria tese de Bergo (2011) sobre o terreiro como contexto de aprendizagem. Festas, trabalhos coletivos para manutenção do espaço, preparo de comidas rituais e momentos de conversa informal são oportunidades para a socialização e para o fortalecimento dos laços que unem a "família de santo". A cozinha, por exemplo, frequentemente se torna um espaço social importante, onde se compartilham alimentos, histórias e ensinamentos.

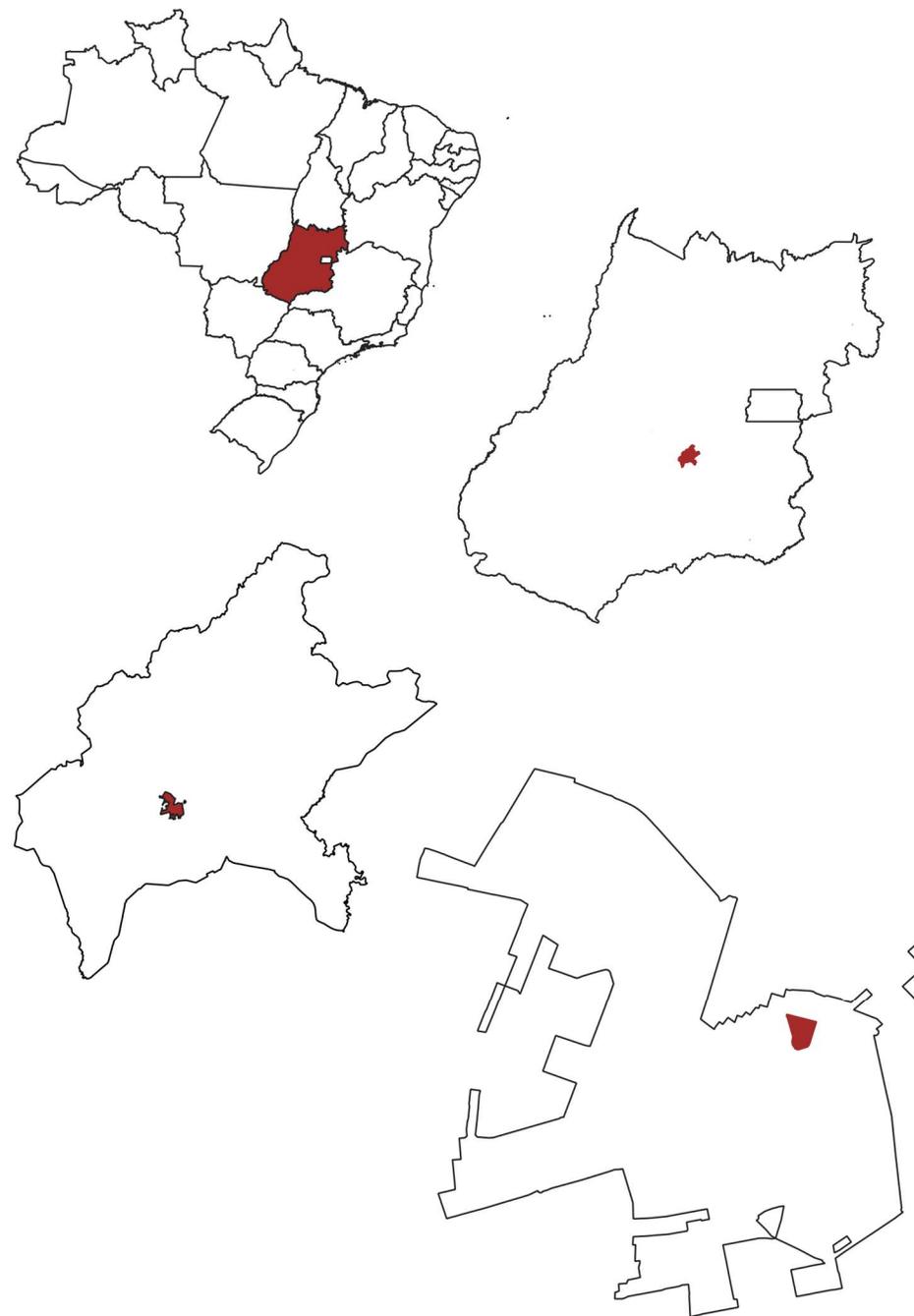
Em conclusão, as dimensões simbólicas, rituais e sociais do espaço nos terreiros de religiões de matriz africana são indissociáveis. A arquitetura e a organização desses locais sagrados são o resultado de uma profunda sabedoria ancestral, adaptada e recriada continuamente para atender às necessidades espirituais e comunitárias de seus adeptos, refletindo uma cosmovisão onde o sagrado permeia todas as instâncias da vida.

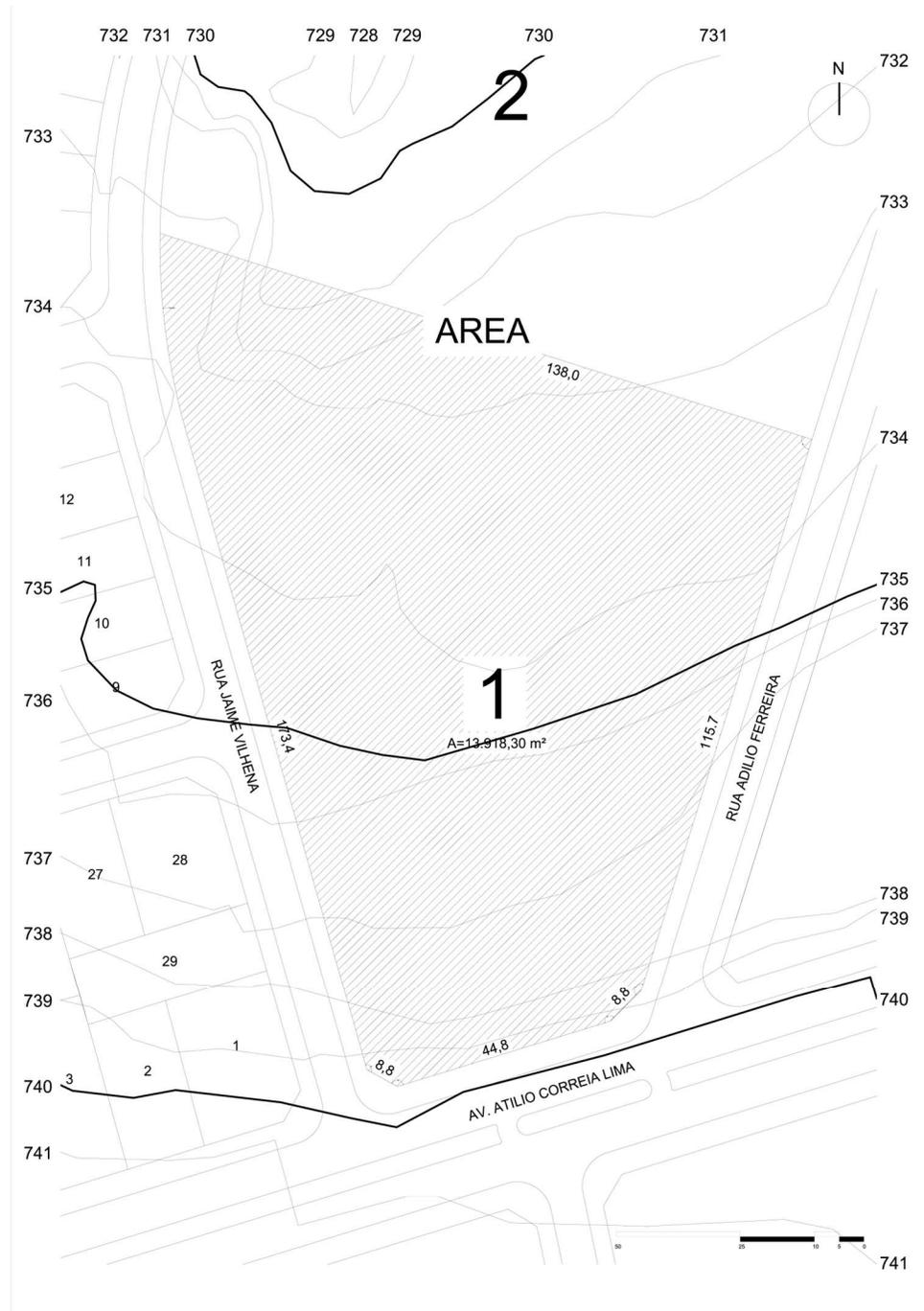
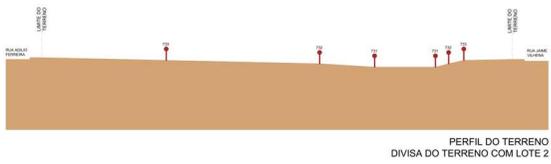
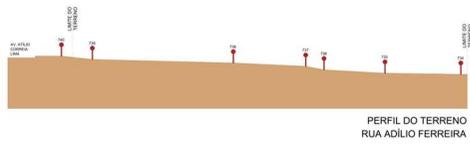
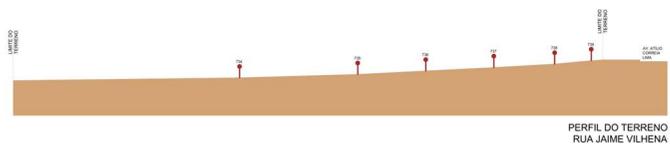


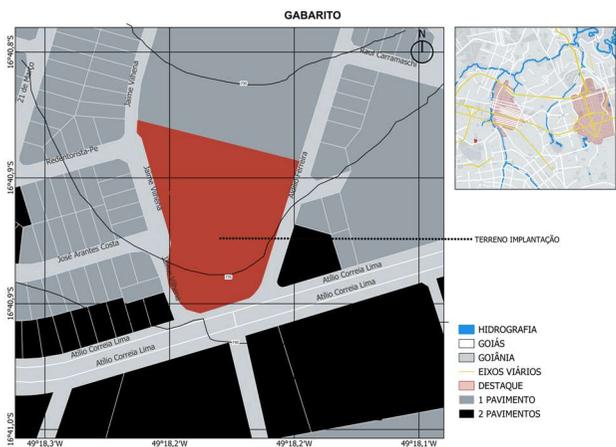
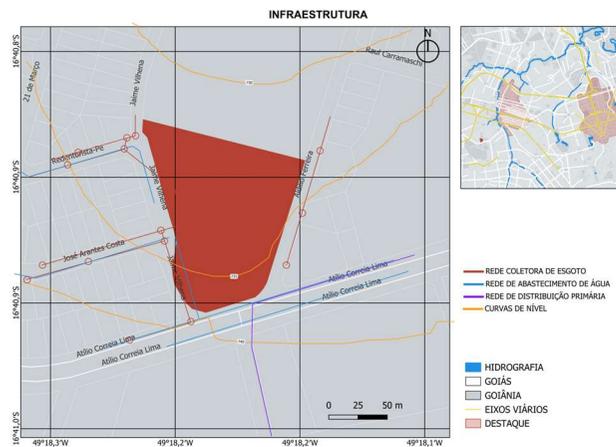
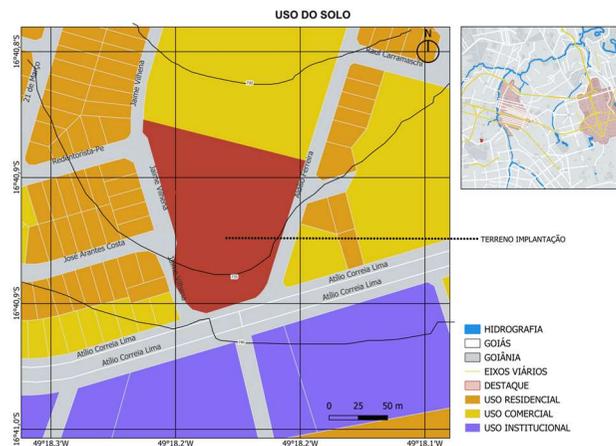
ANÁLISE DO LUGAR E DO CONTEXTO DE IMPLANTAÇÃO

ESTUDO DO LOCAL

O terreno definido para a implantação do Centro Religioso fica localizado na Av Aidílio Ferreira c/ Av Eng. Atilio Correia Lima c/ R Jaime Vilhena c/ R José Arantes Costa c/ R Padre edentorista, Qd. Area Lt. 1, Bairro Cidade Jardim em Goiânia-GO. Trata-se de um terreno particular que possui 13.918,30 m² e atualmente abriga uma construção abandonada a pelo menos 10 anos. Logo, para a realização do exercício acadêmico, propõe-se a demolição da atual estrutura para que possa ser implantando um projeto que possa cumprir com sua função social. O terreno escolhido para a implantação do centro religioso afro-brasileiro apresenta características que o tornam altamente adequado para o desenvolvimento do projeto. A predominância de uso residencial ao redor, combinada com um número significativo de edificações comerciais, proporciona um equilíbrio que favorece a realização de encontros e eventos no centro sem que haja perturbações significativas à vizinhança. A presença das áreas comerciais sugere que nos horários de funcionamento do centro, haverá poucas pessoas na vizinhança. Além disso, o terreno está estrategicamente localizado com fácil acesso por meio de eixos viários estruturantes importantes em Goiânia, como a Avenida Anhanguera, Castelo Branco, Leste-Oeste, e rodovias estaduais, como a GO-060. Essa acessibilidade é complementada pela grande disponibilidade de transporte coletivo, com numerosas linhas de ônibus na Avenida Atilio Correia Lima e proximidade ao terminal do Dergo, garantindo que o centro será facilmente acessível para a comunidade.

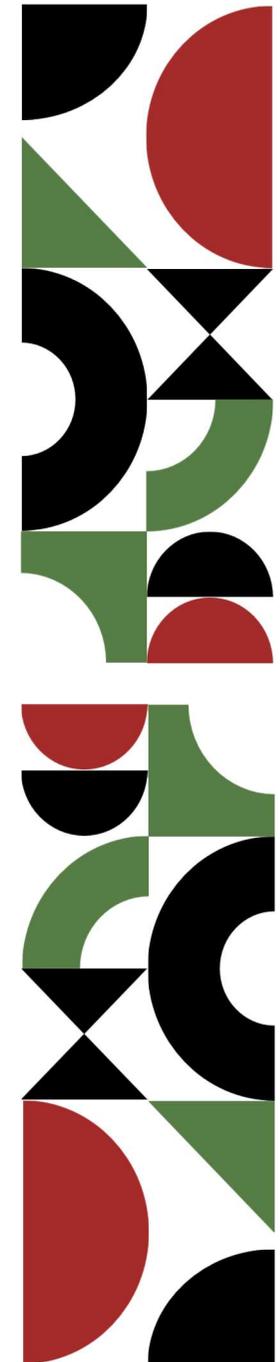






Em termos de infraestrutura, o terreno é completamente servido por abastecimento de água, coleta de esgoto, distribuição de energia elétrica e iluminação pública, o que elimina potenciais complicações técnicas relacionadas à instalação do projeto. A topografia em declive, com um desnível de aproximadamente 6 metros, oferece uma oportunidade arquitetônica única para a implantação de um edifício com dois pavimentos, utilizando tanto o térreo quanto um subsolo, o que permite um aproveitamento mais eficiente do espaço disponível.

A presença de edificações de no máximo 2 pavimentos (Térreo+1) ao redor do terreno oferece benefícios como melhor integração visual e harmonia com o entorno, preservação da privacidade e da ambiência, além de um maior aproveitamento da iluminação natural. Isso contribui para a criação de um ambiente tranquilo e acolhedor, ideal para práticas religiosas e eventos comunitários, ao mesmo tempo em que facilita a visibilidade, o acesso, e abre possibilidades para futuras expansões do espaço, mantendo a coerência com a vizinhança.



O clima na região do terreno destinado à implantação do Centro Religioso afro-brasileiro é caracterizado por uma grande amplitude térmica ao longo do ano. Essas variações térmicas exigem estratégias de projeto que assegurem o conforto térmico dos usuários em diferentes épocas do ano. A região enfrenta um período de seca que dura aproximadamente um terço do ano, durante o qual a umidade relativa do ar é baixa, o que pode causar desconforto respiratório e uma sensação de calor intensificada. A predominância dos ventos vindos do sudeste oferece uma oportunidade para a utilização de ventilação natural como uma estratégia eficaz para melhorar a qualidade do ar e reduzir a temperatura interna dos espaços, especialmente durante os meses mais quentes.

O alto potencial de energia renovável solar é outro aspecto relevante do clima local. Devido aos altos níveis de irradiação solar ao longo do ano, o projeto pode incorporar soluções sustentáveis, como a instalação de painéis solares para a geração de energia elétrica, reduzindo a dependência de fontes não renováveis e promovendo a eficiência energética do centro. Além disso, o período chuvoso, embora concentrado, oferece um potencial significativo para o aproveitamento de água da chuva, que pode ser captada e armazenada para usos diversos, como irrigação de áreas verdes e manutenção dos espaços naturais do centro.

Os dados climáticos da região indicam desconforto por calor em aproximadamente um terço do ano, enquanto outro terço é marcado pelo desconforto por frio. Isso exige uma abordagem cuidadosa no projeto, que deve incorporar inércia térmica para manter temperaturas internas estáveis, sombreamento para proteger os ambientes da radiação solar direta e minimizar o superaquecimento, e ventilação natural para garantir a renovação do ar e a sensação de frescor nos meses mais quentes.

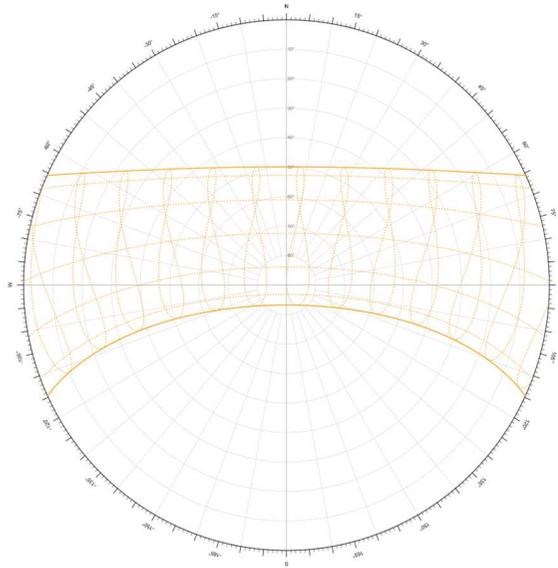
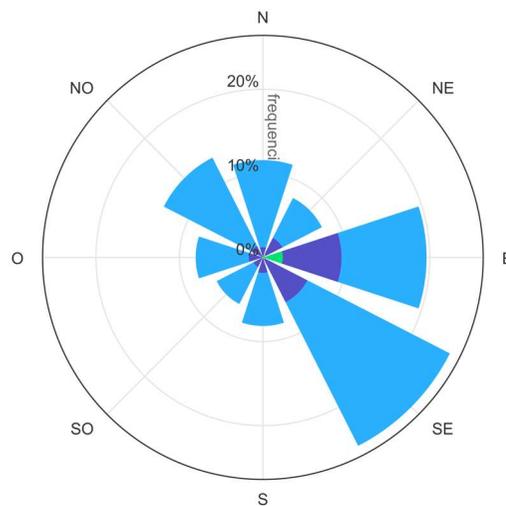
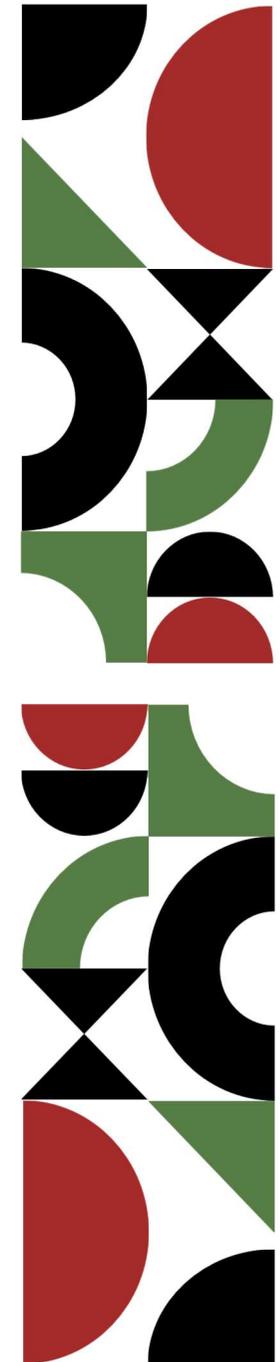


Gráfico Rosa dos Ventos



- 10+ m/s
- 8-10 m/s
- 6-8 m/s
- 4-6 m/s
- 2-4 m/s
- 0-2 m/s

Highcharts.com



O terreno escolhido para a implantação do Centro Religioso afro-brasileiro apresenta uma série de características que justificam sua seleção estratégica para o projeto. Localizado na interseção de zonas de alta e baixa renda, como pode-se inferir com base na planta genérica de valores, o terreno oferece um posicionamento ideal para atender tanto a população economicamente vulnerável residente na periferia de Goiânia quanto os moradores dos centros urbanos próximos. Essa localização facilita o acesso a uma ampla gama de pessoas, potencializando o impacto social do centro.

Além disso, a proximidade com importantes eixos viários, como as avenidas Anhanguera, Castelo Branco, e Leste-Oeste, bem como a GO-060, proporciona excelente conectividade, permitindo que o centro seja facilmente acessível a partir de diferentes regiões da cidade. A disponibilidade de transporte coletivo, com várias linhas de ônibus e a proximidade ao terminal do Dergo, reforça ainda mais essa acessibilidade, garantindo que o centro possa ser frequentado por um grande número de pessoas, independentemente de sua localização ou condição financeira.

O terreno também possui infraestrutura completa, com abastecimento de água, coleta de esgoto, distribuição de energia elétrica e iluminação pública, eliminando possíveis desafios técnicos para a implementação do projeto. A topografia em declive, com um desnível de aproximadamente 6 metros, oferece uma oportunidade arquitetônica para a criação de um edifício com dois pavimentos, maximizando o uso do espaço disponível e integrando-se harmoniosamente ao entorno.

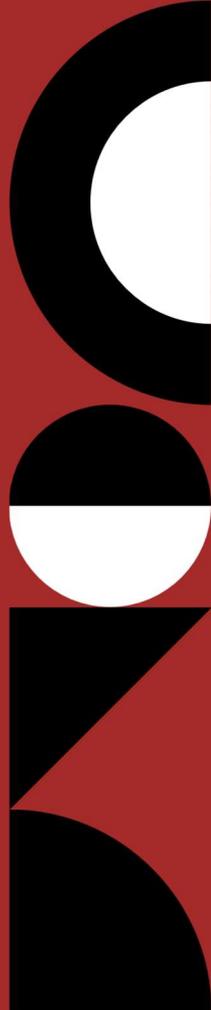
A presença predominante de edificações baixas ao redor, de até dois pavimentos, permite uma melhor integração visual e preserva a privacidade e a tranquilidade da área, criando um ambiente propício para práticas religiosas e eventos comunitários. Além disso, o terreno está inserido em uma região de significativo

potencial de adensamento e centralidade, reforçando a viabilidade e o impacto positivo do centro religioso na comunidade local.

Ainda, o terreno está inserido em uma região de significativo potencial de adensamento e centralidade. A região possui uma série de características que reforçam essa tendência, como a presença de grandes equipamentos urbanos (Shoppings, Terminais de transporte e Equipamentos Institucionais) e uma intensa ocupação por atividades não residenciais ao longo dos eixos viários principais. O fluxo intenso interurbano e a proximidade com a centralidade de Campinas destacam-se como fatores importantes para a sua integração funcional e econômica. Além disso, existem políticas públicas voltadas para o adensamento, previstas nos planos diretores de 2007 e 2022, que refletem um interesse claro em intensificar o uso do solo e promover uma urbanização mais compacta. O envolvimento de promotores imobiliários na região também é um indicativo do seu potencial de desenvolvimento. Inserida na região de planejamento central de Goiânia, a área é vista como estratégica para a absorção do crescimento urbano, contribuindo para uma maior diversificação de usos e uma melhor distribuição das atividades econômicas e de serviços.

Em resumo, as características do terreno não só atendem, mas potencializam as necessidades do projeto, garantindo que o centro religioso afro-brasileiro seja um espaço acessível, funcional, e harmonioso com a comunidade circundante.





ESTUDOS DE CASO

CENTRO CULTURAL JEAN MARIE TJIBAOU

Ficha Técnica:

Tema: Cultural

Arquiteto: Renzo Piano

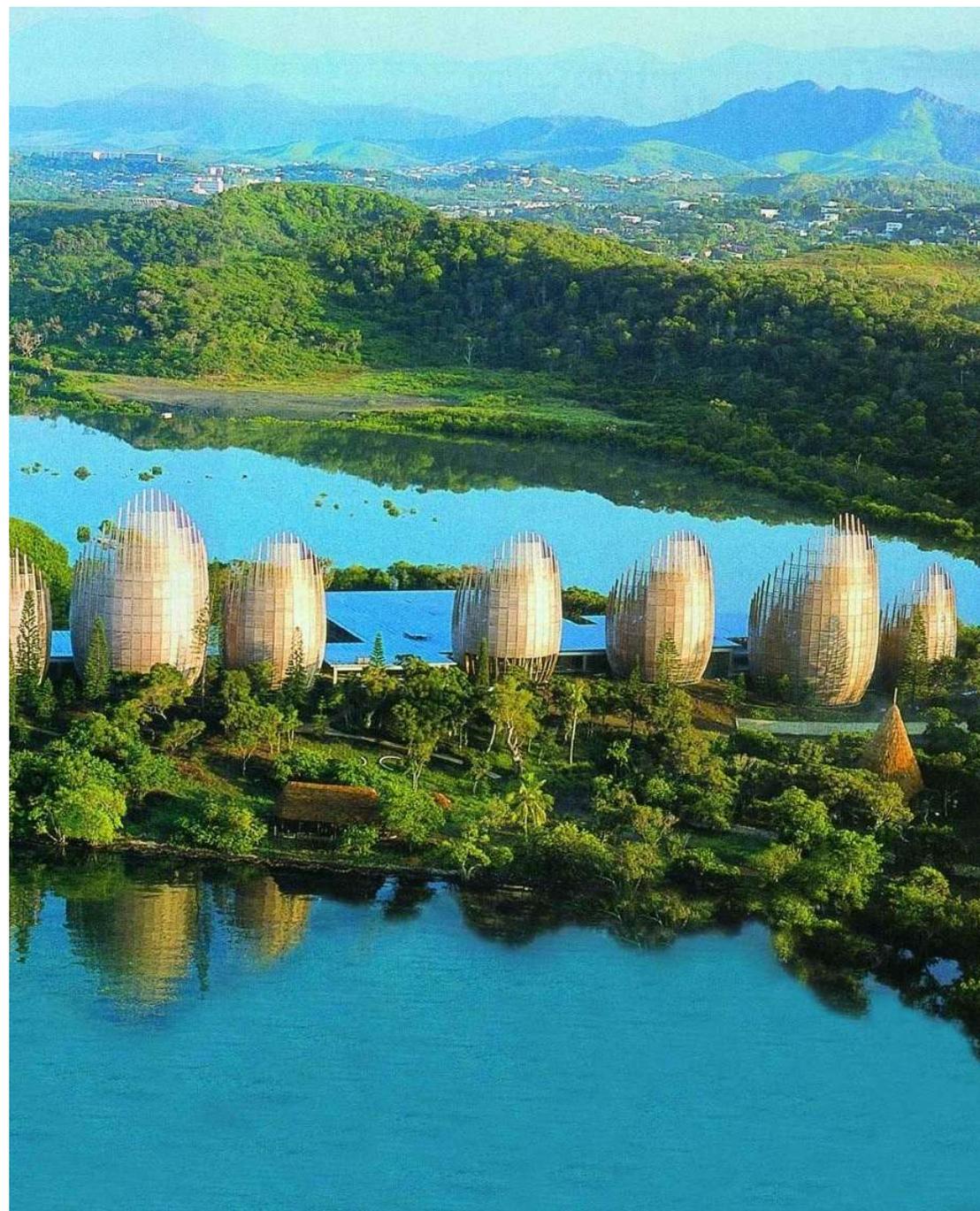
Ano: 1991-1998

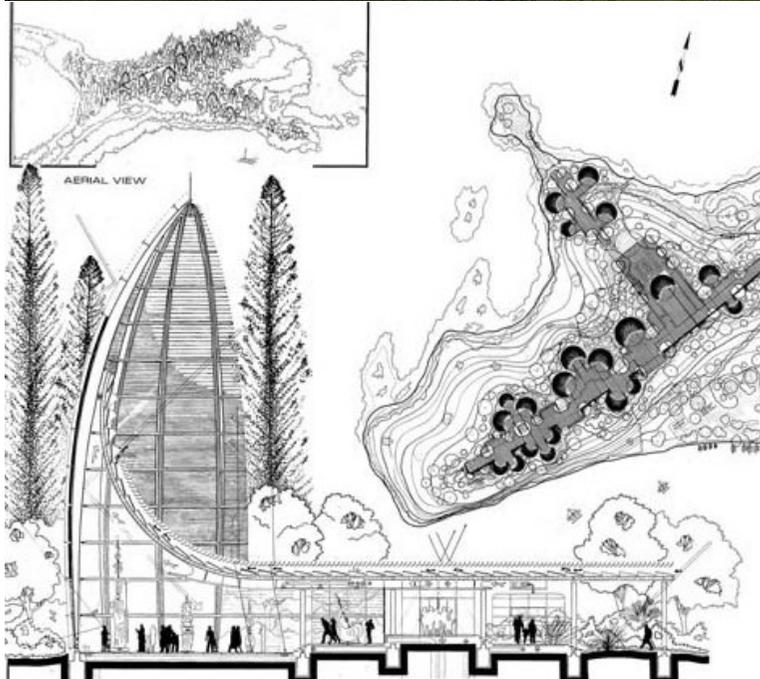
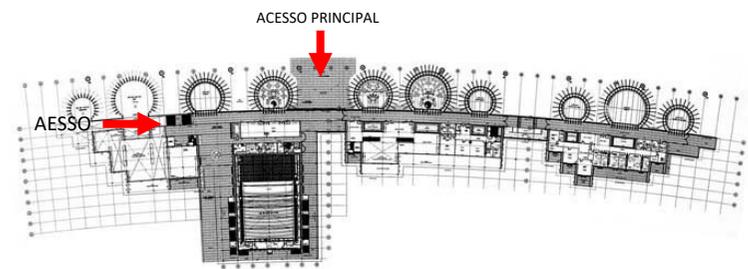
Localização: Nouméa, Nova Caledônia

Área: 8550 m²

O Centro Cultural Jean-Marie Tjibaou, localizado em Nouméa, Nova Caledônia, é um projeto de grande importância não apenas por seu valor arquitetônico, mas também por seu profundo respeito e valorização da cultura Kanak, a população indígena original da região. O povo Kanak, desempenha um papel central na identidade cultural da Nova Caledônia. No contexto de uma nação que historicamente enfrentou colonização e luta por autonomia, o centro cultural surge como um marco na preservação e promoção dessa rica herança cultural.

Projetado para ser mais do que um simples espaço de exposições, foi concebido para celebrar, promover e proteger as tradições, a história e as práticas culturais dos Kanak, ao mesmo tempo em que estabelece um diálogo com o mundo moderno e as novas gerações. A escolha do local de implantação, próximo ao mar, é simbólica e fundamental para essa conexão, pois o povo Kanak sempre teve uma relação íntima com a terra e o mar, elementos essenciais em suas tradições.





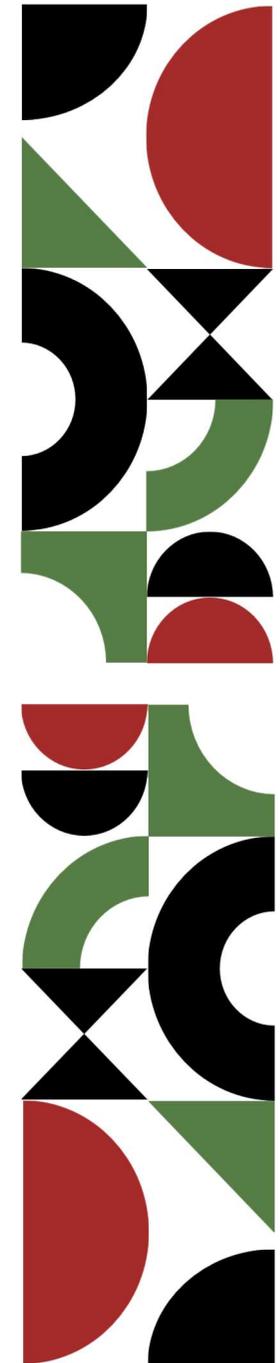
biablablaviviva

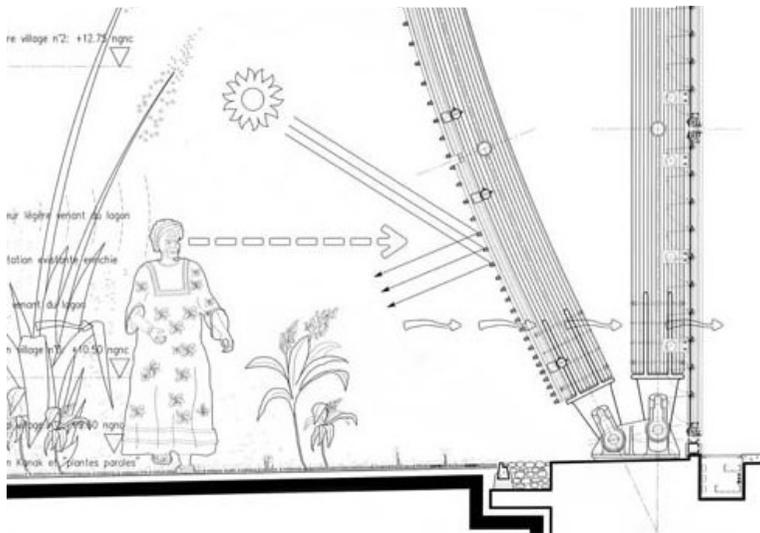
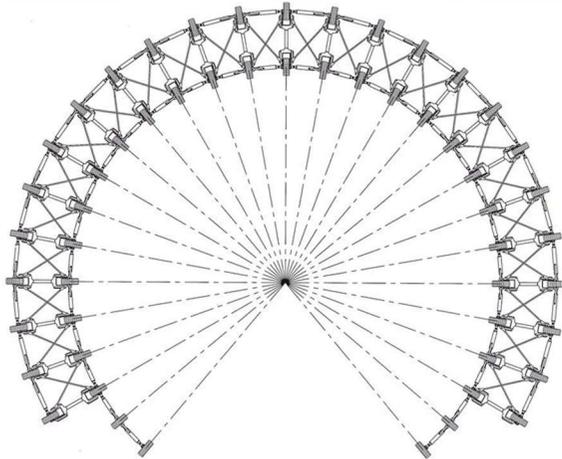
Ao analisar o Centro Cultural Jean-Marie Tjibaou sob uma perspectiva crítica e detalhada, é possível perceber que o projeto adota soluções que respondem de maneira eficaz às condicionantes ambientais e culturais do local, como a implantação, a relação com a topografia, os acessos, e as soluções de insolação e ventilação.

A escolha da península para a implantação do centro cultural não foi meramente estético, mas profundamente estratégica. O terreno oferece vistas privilegiadas para o oceano, elemento essencial na cultura Kanak, além de estar em uma posição de destaque que potencializa a integração entre o edifício e a paisagem. A topografia do local foi respeitada, mantendo uma abordagem sustentável e minimizando grandes movimentações de terra. A leve elevação das construções em relação ao solo não apenas reforça o respeito à geografia natural, como também facilita a drenagem, uma solução vital para evitar o acúmulo de água em uma região tropical.

A linearidade curva dos pavilhões, inspirada nas aldeias tradicionais Kanak, estabelece uma conexão visual e simbólica com a organização espacial dessas comunidades, ao mesmo tempo em que aproveita a geografia do terreno para integrar os edifícios à paisagem. Além disso, essa forma sinuosa permite uma melhor circulação do ar e uma adaptação fluida às pequenas variações topográficas, sem a necessidade de grandes cortes ou aterros, preservando o terreno original.

Os acessos ao Centro Cultural Jean-Marie Tjibaou são cuidadosamente pensados para proporcionar uma transição suave entre o ambiente natural e o construído. Os caminhos que levam ao centro são imersivos, guiam os visitantes por entre a vegetação nativa e áreas de preservação, criando uma experiência gradativa de aproximação ao edifício. Essa estratégia não só cria uma narrativa de chegada, onde o visitante aos poucos adentra o espaço cultural, mas também minimiza o impacto ambiental, ao manter intacta grande parte da vegetação nativa.





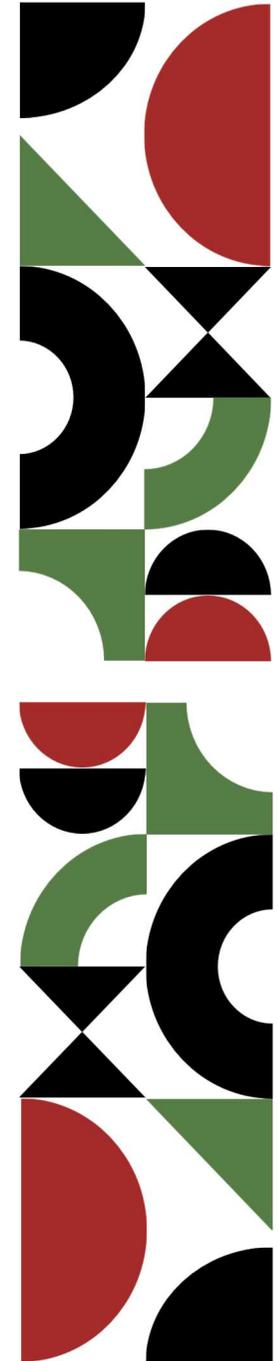
biablablaviviva

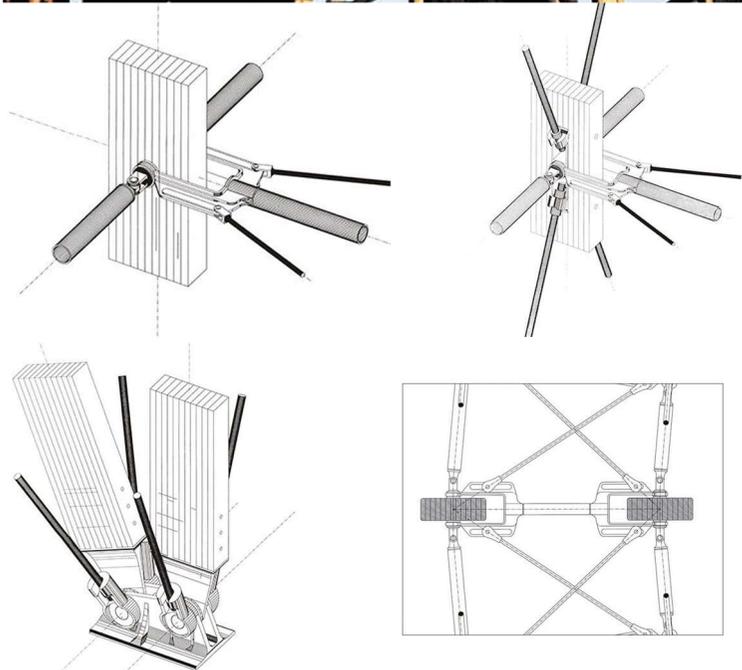
A questão da insolação e da ventilação foi abordada de maneira exemplar no projeto. A orientação dos pavilhões segue uma estratégia clara para aproveitar ao máximo as brisas naturais que chegam do mar, permitindo uma ventilação cruzada eficaz que reduz significativamente a necessidade de sistemas mecânicos de refrigeração. O formato curvo das coberturas e as aberturas estratégicas permitem que o ar circule pelos espaços internos, mantendo uma temperatura agradável sem depender de sistemas intensivos de ar condicionado.

Em relação à insolação, o projeto utiliza soluções arquitetônicas inteligentes, como a inclinação e a curvatura das coberturas, que criam sombreamento natural nos espaços internos. As aberturas controladas permitem a entrada de luz natural de maneira filtrada, evitando a insolação excessiva e garantindo um ambiente confortável. Além disso, a escolha de materiais como a madeira e o bambu, com suas propriedades térmicas, contribui para o isolamento e a regulação da temperatura nos pavilhões.

Os principais materiais de acabamento utilizados no projeto foram a madeira local, o bambu e o vidro. A madeira foi escolhida não apenas por suas qualidades estéticas, como também por suas propriedades naturais de isolamento térmico, leveza e capacidade de se adaptar ao clima tropical da Nova Caledônia. A madeira oferece um excelente controle da temperatura interna, evitando a necessidade de grandes sistemas de climatização, o que está alinhado com os princípios de sustentabilidade do projeto.

O bambu, outro material central na construção, reflete as tradições construtivas Kanak, ao mesmo tempo em que oferece leveza e flexibilidade estrutural. É um material renovável e de rápido crescimento, o que justifica sua escolha por critérios de sustentabilidade e disponibilidade local. Além disso, o bambu, quando tratado corretamente, oferece boa resistência ao clima local e reforça a estética orgânica que o projeto visa transmitir.





biabliaviviva

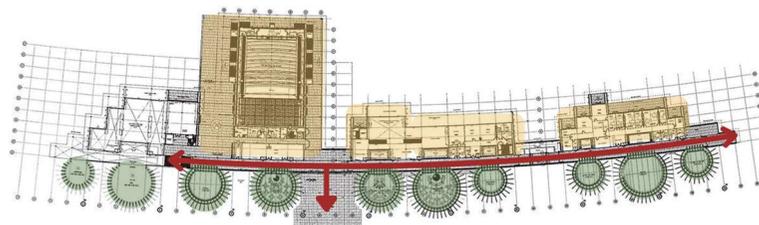
O uso de vidro, por sua vez, foi pensado para criar uma conexão visual entre o interior dos pavilhões e a paisagem natural circundante, promovendo a integração entre o construído e o ambiente externo. O vidro permite que a luz natural penetre nos espaços sem comprometer o conforto térmico, graças à combinação com as aberturas controladas e à orientação estratégica dos pavilhões. No entanto, o uso de vidro deve ter sido cuidadosamente calculado para evitar problemas de aquecimento excessivo, o que é parcialmente resolvido pela ventilação cruzada natural.

As conexões entre os materiais, especialmente a madeira e o bambu, foram projetadas para criar uma estrutura leve, mas resistente, capaz de suportar os ventos fortes característicos da região. A estrutura principal é composta por arcos de madeira que sustentam as coberturas curvas dos pavilhões. A escolha de uma estrutura em arcos de madeira, além de remeter às construções tradicionais Kanak, permite uma maior flexibilidade e resistência a cargas de vento.

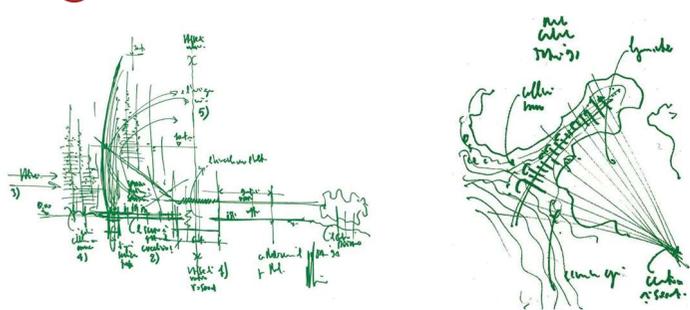
Quanto às fundações, presume-se que tenham sido projetadas para minimizar o impacto no solo e na vegetação local. Como o terreno é formado por uma península e apresenta pouca variação topográfica, o projeto provavelmente utilizou fundações leves, como estacas ou sapatas superficiais, para garantir estabilidade sem a necessidade de escavações profundas ou grandes movimentações de terra. A escolha por fundações mais simples reflete o compromisso de respeitar a topografia e minimizar a interferência no solo, reduzindo o impacto ambiental do projeto.

A justificativa para a escolha dos materiais utilizados no projeto aparenta ser baseada em três pilares: sustentabilidade, respeito à cultura local e eficiência. A madeira e o bambu por exemplo, são materiais renováveis e de baixa pegada de carbono, foram escolhidos tanto pela disponibilidade local quanto pelas suas propriedades técnicas, como durabilidade, isolamento térmico e flexibilidade estrutural.





- Espaços administrativos e de convenções
- Ambientes de exposição permanente e temporária
- Circulação



biablablaviviva

O Centro Cultural Jean-Marie Tjibaou foi concebido para integrar a cultura Kanak com a paisagem natural da península onde está localizado. A disposição dos pavilhões segue uma linha curva que acompanha a topografia, promovendo uma circulação fluida entre os diferentes espaços, como áreas expositivas, auditórios e ambientes de convívio. Os pavilhões variam entre 500 e 1.000 metros quadrados, conectados por passarelas ao ar livre que permitem uma transição suave entre os ambientes internos e externos. Essa organização cria uma narrativa espacial que valoriza a experiência do visitante, conduzindo-o de maneira natural pelo percurso. A linearidade da circulação, no entanto, pode ser vista como uma limitação em termos de flexibilidade, especialmente em situações que demandem múltiplos fluxos de visitantes ou a realização de eventos simultâneos.

A compatibilidade formal com o entorno é um dos aspectos mais marcantes do projeto. As formas curvilíneas dos pavilhões remetem às cabanas tradicionais Kanak, e os materiais escolhidos, como madeira e bambu, reforçam essa integração visual e cultural. A complexidade formal do projeto reside na fusão entre tradição e modernidade. As estruturas dos pavilhões, inspiradas na arquitetura Kanak, são reinterpretadas com técnicas contemporâneas, como o uso de arcos de madeira, que conferem leveza e flexibilidade à construção. Essa combinação de elementos tradicionais e modernos resulta em uma arquitetura rica em simbolismo, mas sem comprometer a funcionalidade dos espaços. O jogo entre cheios e vazios é eficaz na criação de espaços de transição e contemplação, permitindo que a luz natural e a paisagem circundante permeiem os ambientes construídos. Por fim, as propostas formais do projeto refletem um equilíbrio entre respeito à cultura local e inovação arquitetônica. A escolha de materiais naturais, a organização espacial fluida e as soluções de ventilação e iluminação natural demonstram uma preocupação com a sustentabilidade e o clima da região.





RESUMO DA ANÁLISE

Programa e Apropriação do Terreno

- Pavilhões interconectados, áreas entre 500 e 1.000 m²;
- Circulação fluida, mas com limitações em eventos simultâneos;
- Respeito à topografia com mínimas intervenções;
- Áreas externas de transição entre pavilhões
- Desafios na flexibilidade da circulação;
- Drenagem natural e baixo impacto ambiental.

Estrutura e Tecnologia

- Materiais predominantes: madeira e bambu
- Estrutura leve com arcos de madeira
- Uso eficiente de ventilação cruzada e luz natural
- Tecnologia tradicional combinada com soluções modernas
- Materiais sustentáveis, adaptados ao clima tropical

Aspectos Formais e Composição

- Formas curvilíneas inspiradas nas cabanas Kanak
- Integração harmônica com o ambiente natural e cultural
- Ritmo criado pela repetição dos pavilhões
- Cheios e vazios bem equilibrados
- Complexidade formal: fusão entre tradição e modernidade
- Estética simbólica sem comprometer funcionalidade

C.E.O.L CENTRO

ESPIRITUALISTA OGUM DE LEI

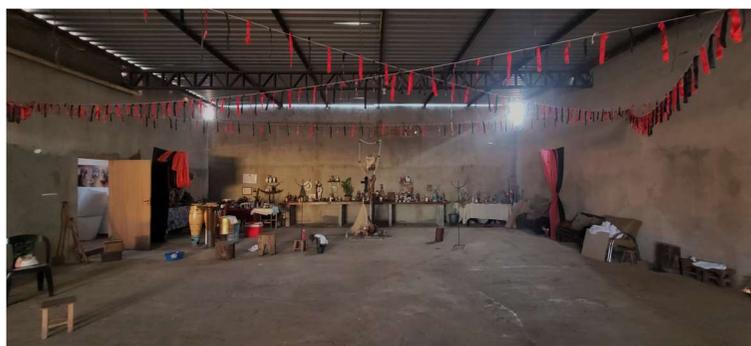
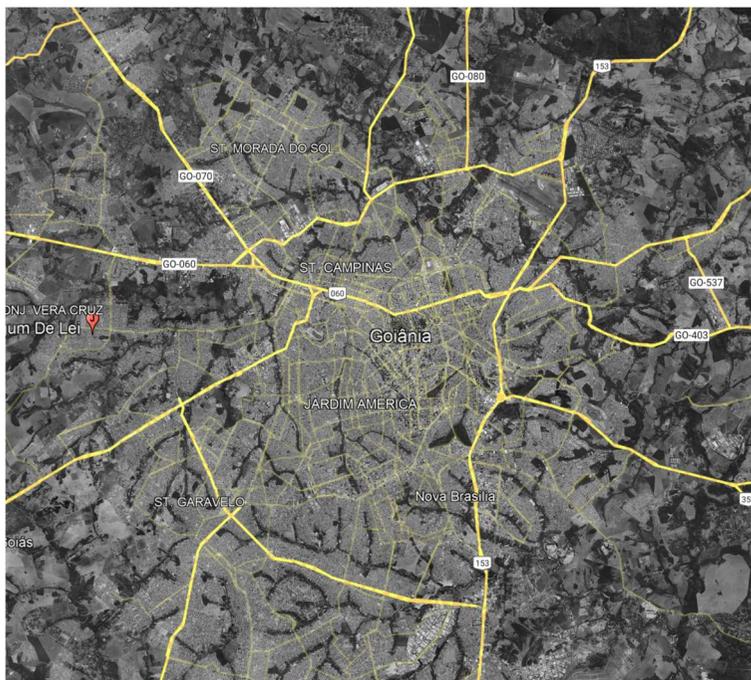
Ficha Técnica:

Tema: Religioso
Arquiteto: Autoconstrução
Ano: 2023-2024
Localização: Trindade, Goiás
Área: 371 m²

O Centro Cultural Jean-Marie Tjibaou, localizado em Nouméa, Nova Caledônia, é um projeto de grande importância não apenas por seu valor arquitetônico, mas também por seu profundo respeito e valorização da cultura Kanak, a população indígena original da região. O povo Kanak, desempenha um papel central na identidade cultural da Nova Caledônia. No contexto de uma nação que historicamente enfrentou colonização e luta por autonomia, o centro cultural surge como um marco na preservação e promoção dessa rica herança cultural.

Projetado para ser mais do que um simples espaço de exposições, foi concebido para celebrar, promover e proteger as tradições, a história e as práticas culturais dos Kanak, ao mesmo tempo em que estabelece um diálogo com o mundo moderno e as novas gerações. A escolha do local de implantação, próximo ao mar, é simbólica e fundamental para essa conexão, pois o povo Kanak sempre teve uma relação íntima com a terra e o mar, elementos essenciais em suas tradições.





biablablaviviva

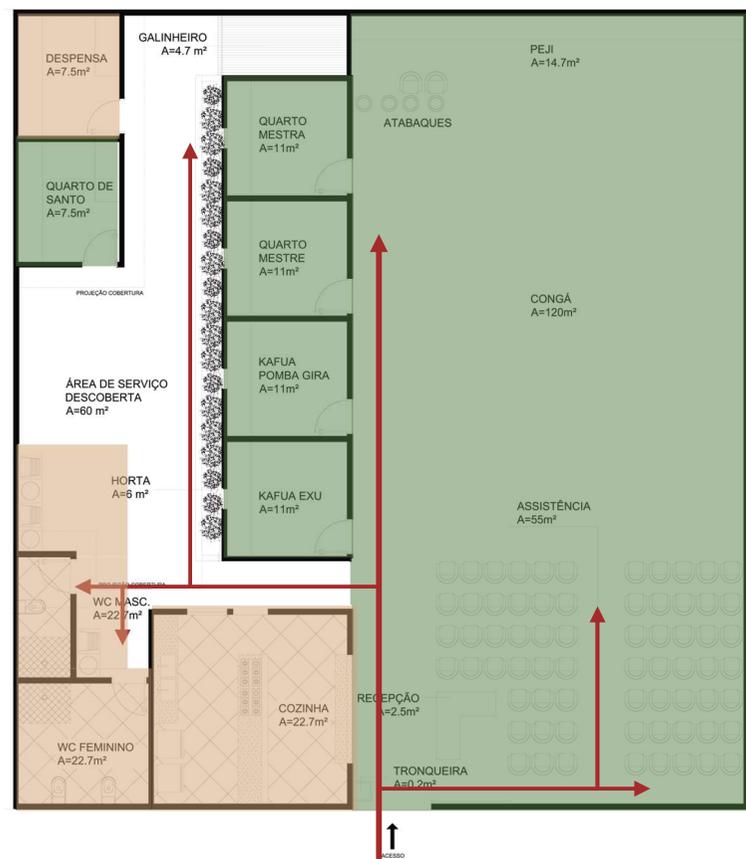
O **Centro Espiritualista Ogun de Lei (CEOL)**, localizado na cidade de Trindade, Goiás, é um exemplo típico de autoconstrução e do esforço comunitário para manter um espaço de culto e acolhimento espiritual para a prática da umbanda. O terreiro foi erguido com recursos limitados, sem apoio governamental ou institucional, e reflete as dificuldades enfrentadas pelas comunidades umbandistas para estabelecer e sustentar locais de culto. A edificação é simples, de um único pavimento térreo, com aproximadamente 375 m², e atende semanalmente cerca de 100 pessoas, embora com limitações que impactam o conforto e a funcionalidade dos espaços.

O CEOL se encontra afastado do centro de Goiânia, na cidade de Trindade, e o acesso ao terreiro é feito principalmente pela rodovia GO-060, embora importante para a ligação entre as duas cidades, apresenta problemas recorrentes de congestionamento e infraestrutura, dificultando o deslocamento para os frequentadores, principalmente para aqueles que dependem de transporte público. A localização mais afastada do centro urbano, enquanto oferece certa tranquilidade para a realização dos rituais, impõe desafios significativos à acessibilidade, o que limita o número de praticantes que conseguem frequentar o terreiro regularmente.

O programa do CEOL é composto por uma série de ambientes essenciais para a realização das giras e para o atendimento espiritual:

Congá (120 m²): O Congá é o espaço mais importante do terreiro, onde estão dispostas as imagens das entidades e orixás. Este é o local onde os médiuns incorporam as entidades espirituais durante as giras e realizam os atendimentos. Com 120 m², o Congá é insuficiente para acomodar confortavelmente o número de frequentadores que o terreiro atende semanalmente. Durante as giras, o espaço fica superlotado, comprometendo a circulação e a qualidade da experiência espiritual. A limitação de espaço afeta a concentração dos médiuns e o andamento do ritual, gerando desconforto tanto para os trabalhadores quanto para os visitantes.





CONCRETO DESEMPEÑO

RUA AC-4

- Espaços de serviço e apoio ●
- Espaços de culto ●
- Circulação ●



biablablaviviva

Assistência (55 m²): A Assistência é o espaço destinado ao público que aguarda o atendimento espiritual. Com 55 m², o local é inadequado para a demanda, resultando em um ambiente desconfortável para aqueles que aguardam sua vez nas giras. O espaço também serve como um local de convivência, onde os frequentadores se reúnem antes e depois dos rituais. Contudo, a limitação de área impede que essa função seja plenamente cumprida, gerando aglomeração e dificultando a socialização.

Recepção (2,5 m²): A recepção é o primeiro ponto de contato dos frequentadores com o terreiro. Com uma área de apenas 2,5 m², o espaço é extremamente pequeno e não consegue atender adequadamente a demanda nos dias de maior fluxo, causando congestionamento e dificultando o acolhimento dos visitantes. A falta de espaço para a organização inicial dos frequentadores prejudica a dinâmica do atendimento e compromete a experiência de chegada ao terreiro.

Tronqueira (0,2 m²): A Tronqueira é um espaço de proteção espiritual, essencial para o terreiro, onde são realizados rituais específicos para Exu, o guardião da casa. Com apenas 0,2 m², é um ambiente pequeno, mas de grande importância simbólica, funcionando como uma barreira espiritual que protege o terreiro e seus frequentadores. Mesmo com sua limitação de tamanho, a Tronqueira cumpre seu papel ritualístico de forma eficaz.

Kafua Exu (11 m²): O Kafua Exu é o espaço reservado para rituais específicos da linha de Exu, incluindo oferendas e trabalhos espirituais que demandam um ambiente dedicado. Com 11 m², o espaço é adequado para as atividades propostas, mas, como os demais ambientes do terreiro, enfrenta desafios relacionados à falta de ventilação e ao controle térmico.

Cozinha (20 m²): A cozinha do CEOL é um espaço multifuncional. Além de servir para o preparo de alimentos usados em atos de caridade e em eventos religiosos, a cozinha também gera uma pequena renda para o terreiro por meio da venda de alimentos, ajudando a custear os gastos de manutenção do espaço.





biablablaviviva

Banheiros: O terreiro conta com banheiros básicos para atender os frequentadores, mas carece de vestiários ou áreas de descanso para os médiuns. A inclusão de vestiários e espaços de repouso seria fundamental para melhorar a experiência e a logística das giras, garantindo que os médiuns e voluntários tenham um local apropriado para descansar.

A construção do CEOL foi realizada de maneira simples e econômica, utilizando concreto armado e alvenaria, com acabamentos inacabados e uma estética bruta que reflete os recursos limitados disponíveis para a obra. A edificação é funcional, mas enfrenta sérios desafios de conforto ambiental. A cobertura metálica aparente, escolhida por ser uma opção mais barata, gera um ambiente extremamente quente, especialmente durante o verão. A falta de isolamento térmico e a ausência de ventilação natural adequada agravam esse problema, tornando o espaço desagradável durante os rituais, que podem durar várias horas. Além disso, a acústica do terreiro é outro ponto crítico. A combinação de concreto e metal cria reverberações que dificultam a compreensão dos cantos e das orientações dadas durante as giras, comprometendo a conexão entre os médiuns, as entidades e os frequentadores.

Formalmente, o CEOL se assemelha a um galpão, com uma estética utilitária. A implantação do terreiro sem recuo em relação à rua limita a criação de áreas externas ou de transição, prejudicando a interação do espaço com o entorno natural. No entanto, a localização do CEOL impede essa interação, privando o terreiro de um componente simbólico essencial para a prática religiosa.

Embora o CEOL cumpra seu papel de espaço religioso, ele apresenta uma série de limitações que afetam a experiência dos frequentadores, especialmente em termos de conforto. No entanto, essas deficiências também indicam oportunidades de melhoria para futuros projetos de terreiros, que podem incorporar soluções arquitetônicas mais eficientes e adequadas às necessidades rituais e comunitárias da umbanda.





RESUMO DA ANÁLISE

Programa e Apropriação do Terreno

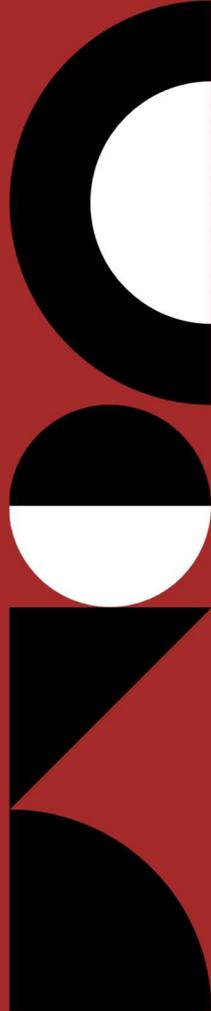
- Edificação térrea de 375 m², com espaços básicos de culto;
- Capacidade limitada para 100 pessoas, causando superlotação;
- Circulação comprometida nos dias de maior público;
- Espaços de apoio pequenos e insuficientes para eventos;
- Áreas ritualísticas (Tronqueira e Kafua Exu) pequenas para suas funções.

Estrutura e Tecnologia

- Estrutura em concreto armado e alvenaria.
- Cobertura metálica sem isolamento térmico, resultando em calor excessivo.
- Ausência de ventilação cruzada e iluminação natural.
- Construção de baixo custo, com materiais simples.
- Acústica comprometida pela reverberação.

Aspectos Formais e Composição

- Estética simples e funcional, com formato de galpão.
- Implantado diretamente na divisa, sem áreas de transição.
- Falta de integração com a natureza e identidade cultural.
- Rigidez formal, sem flexibilidade para futuras adaptações.



PROGRAMA DE NECESSIDADES

PROGRAMA DE NECESSIDADE PARA O CENTRO RELIGIOSO AFRO-BRASILEIRO

O programa de necessidades do Centro de Umbanda e Centro Cultural de Imersão foi cuidadosamente elaborado para atender às necessidades espirituais, culturais e sociais de uma comunidade que se reúne em torno das práticas religiosas de matriz africana, especificamente da umbanda. O projeto não se limita ao espaço religioso; ele incorpora também um centro cultural dedicado à preservação, valorização e divulgação das tradições afro-brasileiras, oferecendo uma rica experiência imersiva para visitantes e praticantes.

O projeto é dividido em quatro grandes setores principais: o Setor Religioso, o Centro Cultural de Imersão, a Área Administrativa e a Cozinha Comunitária. Cada setor foi desenhado para cumprir uma função específica dentro do conjunto, integrando-se harmonicamente aos demais, de modo a proporcionar uma experiência completa e fluida para os usuários, tanto no contexto ritualístico quanto nas atividades culturais e de apoio.

O Setor Religioso é o coração do projeto, destinado à prática dos rituais de umbanda. O espaço principal é o Salão de Giras (Congá), com capacidade para 250 pessoas, onde acontecem as cerimônias espirituais e incorporações mediúnicas. Além do Congá, o salão multifuncional é projetado para oferecer flexibilidade nas atividades religiosas, permitindo a adaptação do espaço para diferentes tipos de rituais e eventos. O Salão de Giras Kimbanda, destinado aos rituais dessa linha espiritual específica, garante um espaço separado, respeitando as tradições e simbologias próprias da

Kimbanda. Outros espaços essenciais incluem o Altar (Peji), um ambiente de oração e contemplação individual, e as Salas de Atendimento Individual, onde médiuns realizam consultas e orientações espirituais de maneira privada. Para dar suporte aos médiuns e aos frequentadores, o setor também conta com Vestiários, Quartos de Descanso para Médiuns, e sanitários adequados tanto para médiuns quanto para consulentes. O objetivo desse setor é garantir um ambiente propício para a prática espiritual, oferecendo conforto, privacidade e um espaço adequado para as necessidades religiosas.

O Centro Cultural de Imersão complementa o setor religioso, oferecendo um espaço dedicado à educação e à imersão cultural. Este setor abriga salas de exposição permanente e temporária, onde são exibidos artefatos, histórias e documentos relacionados à umbanda e às tradições afro-brasileiras. A Sala Interativa (Multimídia) proporciona uma experiência tecnológica e imersiva, permitindo que os visitantes aprendam por meio de vídeos, apresentações e conteúdos interativos. Além disso, o Memorial dos Ancestrais é um espaço de contemplação dedicado à memória e à história dos antepassados espirituais, promovendo uma conexão mais profunda com as raízes culturais e religiosas.

Outro destaque do setor é o Auditório, projetado para receber até 250 pessoas, sendo o local ideal para palestras, convenções e eventos educacionais e culturais. Esse espaço permite que o centro atue não apenas como um local religioso, mas também como um polo de diálogo e conhecimento sobre as religiões de matriz africana e sua importância na sociedade brasileira. O centro oferece ainda uma Sala de Reuniões, que pode ser utilizada tanto para encontros internos da comunidade quanto para eventos externos relacionados à cultura e à espiritualidade.

A Área Administrativa é responsável por garantir o funcionamento operacional do centro. Composta por escritórios administrativos, salas de manutenção técnica e salas de equipamentos audiovisuais, esse setor oferece



o suporte necessário para a gestão de todas as atividades realizadas no espaço, sejam elas religiosas, culturais ou educacionais. Além disso, sanitários e vestiários para os funcionários estão disponíveis para garantir o conforto e a organização da equipe. Há também um espaço dedicado ao descanso dos funcionários, visando proporcionar um ambiente saudável e acolhedor para todos os envolvidos nas operações do centro.

A Cozinha Comunitária tem um papel fundamental tanto no atendimento aos eventos quanto no suporte às atividades de caridade e convivência. A cozinha principal, com equipamentos industriais, permite o preparo de refeições para grandes grupos, e o Refeitório Comunitário pode acomodar até 80 pessoas, oferecendo um espaço confortável para a alimentação coletiva. Além disso, a Cantina/Lanchonete é um espaço adicional que atende a pequenos eventos e oferece refeições rápidas para os frequentadores e visitantes.

A cozinha é equipada com áreas de separação e triagem de alimentos, despensas de armazenamento e câmaras frigoríficas, garantindo que todo o processo de alimentação seja seguro e eficiente. Esses espaços são essenciais para sustentar as demandas de eventos religiosos, culturais e sociais, além de apoiar iniciativas de caridade.

Além dos ambientes internos, o projeto conta com amplos Espaços Externos destinados à prática religiosa e à convivência comunitária. A Mata Sagrada, com 500 m², oferece um ambiente de contemplação e conexão com a natureza, essencial para a realização de oferendas e rituais que envolvem elementos naturais. O Espaço de Oferendas é uma área adicional para práticas rituais ao ar livre, enquanto o Congá Externo oferece uma opção para cerimônias de grande porte.

O projeto também inclui um estacionamento com capacidade para 125 veículos, além de áreas de logística para carga e descarga, depósitos de materiais e uma central de gás.

A articulação entre os diferentes setores visa integrar as atividades religiosas e culturais em um ambiente fluido e harmonioso. Os espaços religiosos, culturais e de convivência estão interligados de forma a garantir que o centro funcione como um todo coeso, promovendo tanto o fortalecimento das práticas religiosas quanto a disseminação de conhecimento sobre a cultura afro-brasileira. O principal objetivo é criar um espaço que sirva como polo espiritual, cultural e educacional, proporcionando um local de acolhimento para os praticantes da umbanda e, ao mesmo tempo, promovendo o diálogo e o respeito pela diversidade religiosa e cultural do Brasil.

Ao garantir que cada setor cumpra suas funções específicas, o projeto busca atender de forma plena às demandas da comunidade, promovendo não apenas a prática religiosa, mas também a convivência e o aprendizado, criando um ambiente inclusivo, acolhedor e educacional.



QUADRO SÍNTESE

Setor	Microsetor	Ambiente	Área Estimada (m²)	Quantidade de Ambientes	Área Total (m²)	Área Circulação (m²)	Mobiliário Básico / Equipamentos	Capacidade (Pessoas)
Área Administrativa	Espaços de Apoio Administrativo	Lavabo Funcionários	4	2	8	9,6	Bacias sanitárias e lavatórios.	1
Área Administrativa	Espaços de Apoio Administrativo	Copa de Funcionários	12	1	12	14,4	Mesa, micro-ondas, armários	5
Área Administrativa	Recepção e Acolhimento	Balcão de Recepção com espera	25	1	25	30	Balcão de recepção, cadeiras, painéis informativos	4
Área Administrativa	Administrativo e Financeiro	Diretoria	20	1	20	24	Mesa, cadeiras, armários de escritório	2
Área Administrativa	Administrativo e Financeiro	Sala de Reuniões	20	2	40	48	Mesa, cadeiras, TV	10
Área Administrativa	Administrativo e Financeiro	Projetos e Captação de Recursos	15	1	15	18	Mesa, cadeiras, armários de escritório	2
Área Administrativa	Administrativo e Financeiro	Escritório Administrativo (secretaria, gestão, financeiro)	20	1	20	24	Mesa, cadeiras, armários de escritório	4
Área Administrativa	Cultural e Expositivo	Sala de Curadoria	15	1	15	18	Mesa, cadeiras, armários de escritório	2
Área Administrativa	Cultural e Expositivo	Sala Bibliotecário	15	1	15	18	Mesa, cadeiras, armários de escritório	2
Área Administrativa	Cultural e Expositivo	Sala de comunicação e Design	20	1	20	24	Mesa, cadeiras, armários de escritório	2
Centro Cultural e de Imersão	Espaços de Apoio Centro Cultural	Área de Recepção e Acolhimento	50	1	50	60	Balcão de recepção, cadeiras, painéis informativos	25



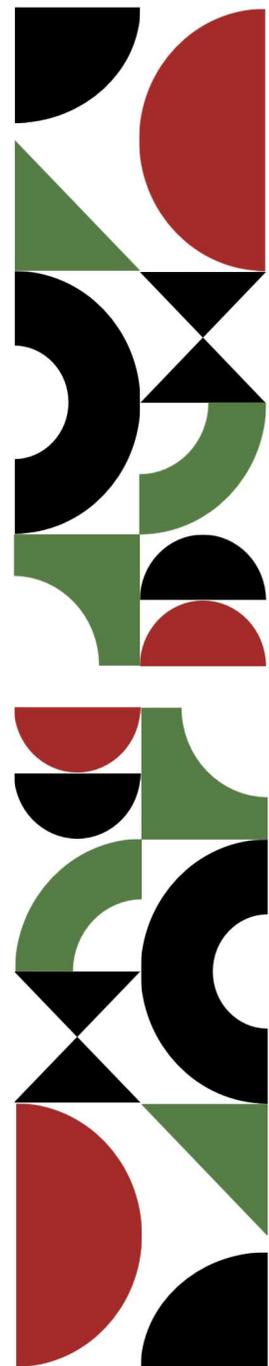
QUADRO SÍNTESE

Centro Cultural e de Imersão	Espaços de Apoio Centro Cultural	Depósito	50	1	50	60	Prateleiras	-
Centro Cultural e de Imersão	Espaços de Apoio Centro Cultural	Depósito de Materiais (Convenções)	50	2	100	120	Estantes, bancadas	-
Centro Cultural e de Imersão	Espaços de Apoio Centro Cultural	Loja de Artigos Religiosos	50	1	50	60	Expositores, balcão de vendas, prateleiras	15
Centro Cultural e de Imersão	Espaços de Apoio Centro Cultural	Sanitários	20	3	60	72	Bacias sanitárias, lavatórios, bancadas	30
Centro Cultural e de Imersão	Espaços de Exposição	Memorial dos Ancestrais	50	1	50	60	Espaço de contemplação, estatuetas, bancos	10
Centro Cultural e de Imersão	Espaços de Exposição	Sala de Exposição Permanente	200	1	200	240	Expositores, painéis de vidro, vitrines	30
Centro Cultural e de Imersão	Espaços de Exposição	Sala de Exposição Temporária	100	1	100	120	Expositores móveis, vitrines	20
Centro Cultural e de Imersão	Espaços de Exposição	Sala Interativa (Multimídia)	100	1	100	120	Tela interativa, projetor, assentos	20
Centro Cultural e de Imersão	Espaços para Convenções e Eventos	Auditório	500	1	500	600	Palco, 250 assentos fixos, mesa de som e controle	250
Centro Cultural e de Imersão	Espaços para Convenções e Eventos	Biblioteca e Sala de Leitura	100	1	100	120	Estantes, mesas de leitura, assentos	25
Centro Cultural e de Imersão	Espaços para Convenções e Eventos	Sala de Reuniões	100	2	200	240	Mesa de reunião, cadeiras, equipamento de projeção	50



QUADRO SÍNTESE

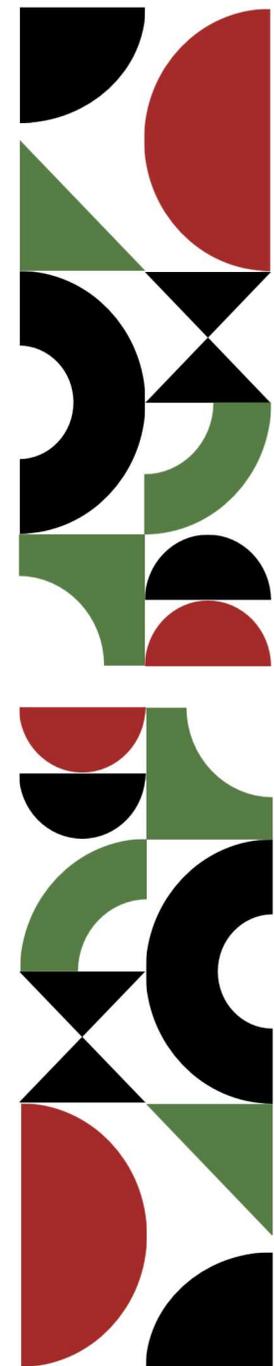
Cozinha Comunitária	Cozinha Comunitária e Apoio	Área de Lavagem e Higienização	20	1	20	24	Pias, bancadas de higienização, estantes	5
Serviços	Cozinha Comunitária	Câmara Frigorífica e Depósito de Frios	20	1	20	24	Câmaras frigoríficas, armários de refrigeração	5
Serviços	Cozinha Comunitária	Cozinha Principal	120	1	120	144	Fogão industrial, bancadas, pias, coifas	15
Serviços	Cozinha Comunitária	Despensa e Armazenamento Seco	20	1	20	24	Prateleiras, armários, espaço de ventilação	5
Serviços	Cozinha Comunitária	Recepção e Separação de Alimentos	40	1	40	48	Bancadas de triagem, área de separação de	5
Serviços	Cozinha Comunitária	Cantina/Lanchonete	20	1	20	24	Bancadas de serviço, vitrines de alimentos, mesas de refeição	20
Serviços	Cozinha Comunitária	Refeitório Comunitário	120	1	120	144	Mesas e cadeiras para 80 pessoas	80
Serviços	Cozinha Comunitária	Copa Limpa	5	1	5	6	Armários, bancada, pias	2
Serviços	Cozinha Comunitária	Copa Suja	5	1	5	6	Armários, bancada, pias	2
Serviços	Cozinha Comunitária	Administração Cozinha	5	1	5	6	Mesas, armários	2
Serviços	Cozinha Comunitária	Vestiário Masc	50	1	50	60	Bacia Sanitária, pias, armários	5
Serviços	Cozinha Comunitária	Vestiário Fem	50	1	50	60	Bacia Sanitária, pias, armários	6
Espaços Externos	Estacionamento e Apoio Externo	Área de Carga e Descarga	100	1	100	120	Espaço para logística de carga e descarga	10
Espaços Externos	Estacionamento e Apoio Externo	Estacionamento	1.800	1	1800		Capacidade para aproximadamente 125 veículos	250

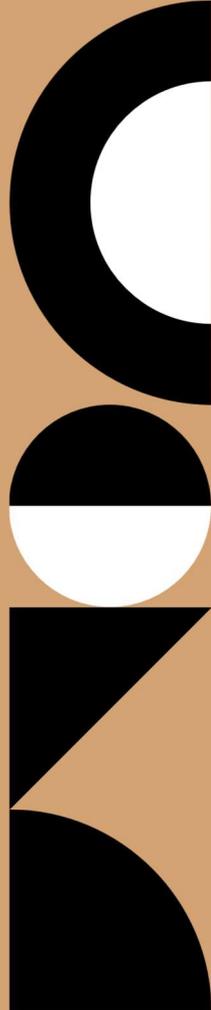


QUADRO SÍNTESE

Espaços Externos	Estacionamento e Apoio Externo	Lixo	10	1	10	12	Lixeiras	-
Terreiro Religioso	Espaço de Culto e Ritual	Altar (Peji)	50	1	50	60	Altar, nichos para imagens, bancos	15
Terreiro Religioso	Espaço de Culto e Ritual	Kafuas (Firmamentos pais da casa)	9	4	36	43,2	Mesa pequena, bancos, nichos	4
Terreiro Religioso	Espaço de Culto e Ritual	Sala para Buzios	9	1	9	10,8	Mesa pequena, bancos, nichos	2
Terreiro Religioso	Espaço de Culto e Ritual	Salão de Giras (Congá Kimbanda)	375	1	375	450	Espaço ritual com área central aberta, decoração simbólica	250
Terreiro Religioso	Espaço de Culto e Ritual	Salão de Giras (Congá)	375	1	375	450	Assentos público; altar central; piso resistente	250
Terreiro Religioso	Espaço de Culto e Ritual	Salão Multifuncional	375	1	375	450	Assentos público; altar central; piso resistente	250
Terreiro Religioso	Espaço de Culto e Ritual	Salas de Atendimento Individual	9	5	45	54	Mesa, cadeiras, banco de espera	5
Terreiro Religioso	Espaços de Apoio Terreiro	Depósito de Materiais	25	1	25	30	Prateleiras, armários	-
Terreiro Religioso	Espaços de Apoio Terreiro	Firmamento Médiuns	25	1	25	30	Prateleiras	-
Terreiro Religioso	Espaços de Apoio Terreiro	Quarto de Descanso de Médiuns	50	2	100	120	Beliches, bancos, espaço de descanso	20
Terreiro Religioso	Espaços de Apoio Terreiro	Sanitários Consulentes	20	3	60	72	Bacias sanitárias, lavatórios, bancadas	30
Terreiro Religioso	Espaços de Apoio Terreiro	Vestiários Médiuns	90	2	180	216	Armários, bancos, cabideiros, duchas, bacias sanitárias e lavatórios.	50

TOTAL	5333	66	5790	6948
--------------	-------------	-----------	-------------	-------------





PROPOSTA TEÓRICA

O Projeto para o Centro de Umbanda e Cultura Afro-Brasileira em Goiânia busca criar um espaço que transcenda a mera funcionalidade, materializando os valores de acolhimento, respeito, espiritualidade e conexão com a natureza intrínsecos às religiões de matriz africana, com foco na Umbanda. A proposta conceitual visa integrar as práticas religiosas, culturais, educativas e sociais em um ambiente arquitetônico harmonioso, que promova a valorização dessas tradições e contribua para o fortalecimento da comunidade e o combate à intolerância religiosa.

1. Conceito Principal: Um Santuário de Acolhimento e Conexão – Tradição, Natureza e Comunidade

O conceito norteador do projeto é a criação de um "santuário" no sentido amplo: um lugar de refúgio, de encontro com o sagrado, de preservação da cultura e de fortalecimento dos laços comunitários. Este santuário se alicerça em três pilares:

Tradição: Respeito e valorização dos preceitos e rituais da Umbanda e da cultura afro-brasileira, buscando uma espacialidade que acolha suas práticas de forma autêntica.

Natureza: Reconhecimento da profunda conexão dessas religiões com os elementos naturais, integrando o edifício à paisagem e utilizando materiais que evoquem essa ligação.

Comunidade: Concepção de espaços que fomentem o encontro, a partilha, o aprendizado e o serviço, reforçando o papel social do Centro.

A linguagem arquitetônica buscará traduzir esse conceito através de formas que, embora contemporâneas, transmitam sensações de pertencimento, espiritualidade e integração.

2. Estratégias de Implantação e Adaptação ao Terreno

O terreno escolhido, com seu declive natural de

aproximadamente 6 metros, apresenta um desafio e uma oportunidade. A estratégia de implantação visa minimizar o impacto no terreno e os custos com movimentação de terra através da apropriação do lote em diferentes níveis térreos. Essa abordagem permite que a edificação se molde suavemente à topografia existente, criando uma rica dinâmica espacial com acessos independentes e interligados para os diferentes setores do programa.

Esta setorização em níveis distintos poderá, por exemplo, localizar as áreas de maior fluxo público e atividades culturais em um nível de acesso mais direto pela via principal, enquanto os espaços de uso mais reservado e sagrado, como o terreiro principal, podem se situar em um nível mais protegido, com maior conexão visual e física com áreas verdes e de contemplação, conforme já esboçado Na proposta deste trabalho.

3. Linguagem Arquitetônica, Materialidade e Técnicas Construtivas: Equilíbrio e Significado

A escolha dos materiais e sistemas construtivos visa um equilíbrio entre economia, eficiência técnica, durabilidade, baixo impacto ambiental e uma linguagem arquitetônica que expresse o conceito do projeto.

Paredes em Tijolo Ecológico (Solo-Cimento) em Alvenaria Estrutural Armada:

Justificativa Conceitual e Ambiental: O tijolo ecológico, produzido a partir de solo, cimento e pouca água, sem a necessidade de queima em forno, reduz significativamente o impacto ambiental da construção. Sua estética remete à terra, ao elemento natural, estabelecendo uma conexão simbólica com os fundamentos da Umbanda e das religiões de matriz africana.



Justificativa Técnica e Econômica: A utilização em alvenaria estrutural armada permite a construção de paredes portantes robustas, com bom desempenho térmico e acústico – crucial para o conforto nos espaços de culto e estudo. Esta técnica pode otimizar custos e tempo de construção, além de permitir vãos adequados para os diversos ambientes. Estrutura da Cobertura em Madeira Laminada Colada (MLC):

Justificativa Conceitual e Estética: A madeira é um material natural, renovável e que transmite sensações de acolhimento e calor. A MLC, com sua capacidade de vencer grandes vãos com leveza e elegância formal, é ideal para os espaços amplos do Centro, como salões de giras e auditórios. Sua presença pode evocar simbolicamente os troncos das árvores sagradas ou a estrutura protetora da mata.

Justificativa Técnica: A MLC oferece excelente resistência estrutural, bom comportamento em relação ao fogo (quando dimensionada corretamente) e versatilidade formal.

Cobertura em Painéis de OSB com Impermeabilização em Manta TPO:

Justificativa Técnica e Sustentável: O OSB (Oriented Strand Board) é um painel estrutural de madeira reconstituída, o que representa um uso eficiente de recursos florestais. A manta TPO (Poliolefina Termoplástica) é um sistema de impermeabilização moderno, durável, reciclável e de alta refletância (quando em cores claras), contribuindo para a eficiência energética da edificação ao reduzir a absorção de calor.

Fundação em Radier:

Justificativa Técnica e Econômica: Para as características do solo (a serem confirmadas por sondagem) e para edificações em alvenaria estrutural, o radier pode ser uma

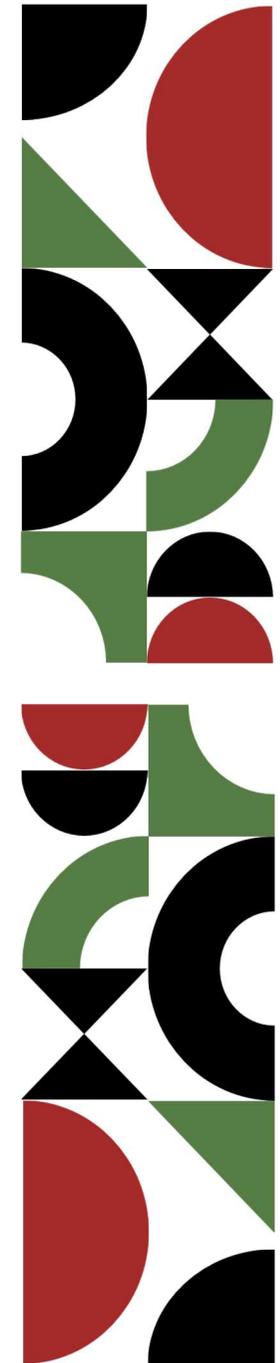
solução de fundação eficiente e econômica, distribuindo as cargas da edificação de maneira uniforme sobre o terreno e simplificando o processo construtivo.

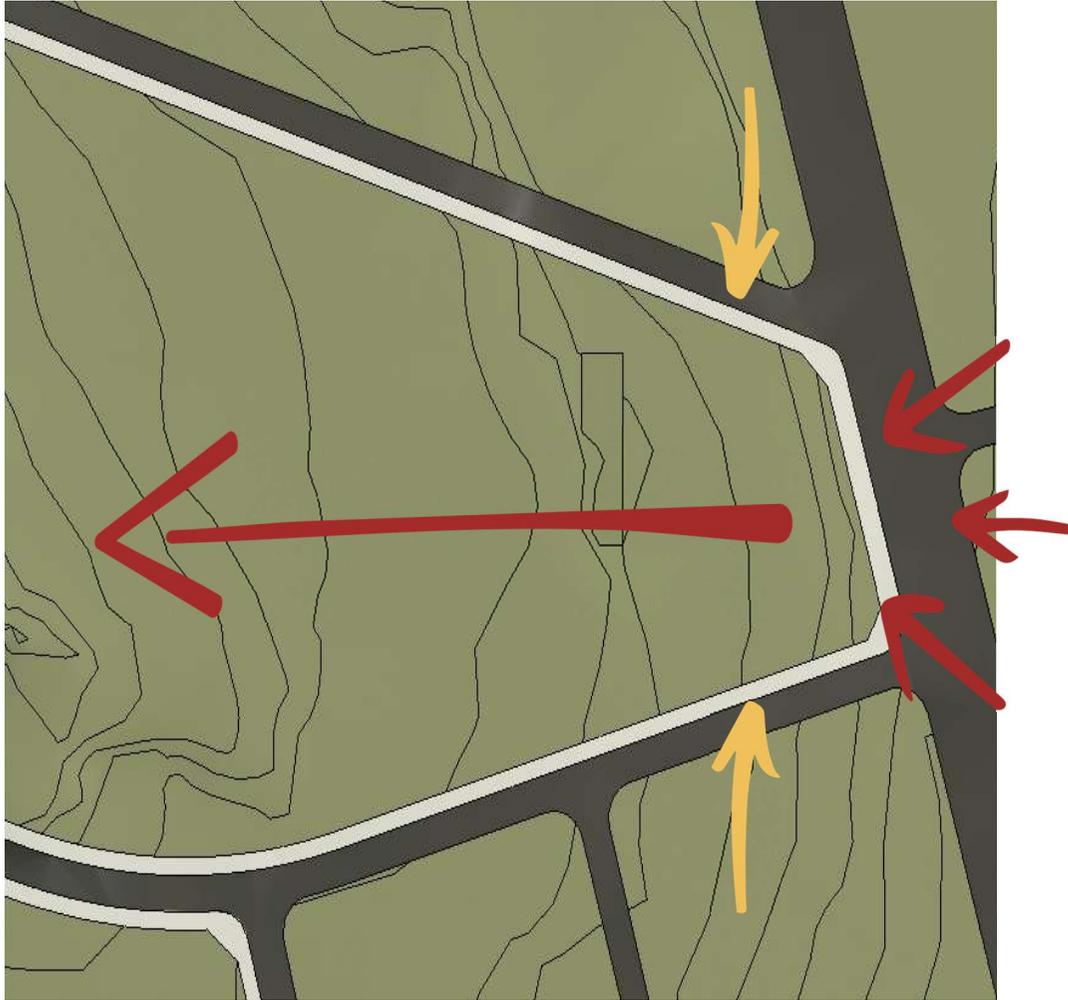
Piso em Concreto Aparente Polido:

Justificativa Estética, Funcional e Econômica: O concreto polido oferece uma superfície contínua, de alta durabilidade, fácil limpeza e baixa manutenção, ideal para espaços de grande circulação e para as práticas rituais que ocorrem diretamente no chão. Sua estética neutra e contemporânea permite que outros elementos, como a madeira e o tijolo, ganhem destaque, ao mesmo tempo em que pode simbolizar a conexão direta com a "terra firme".

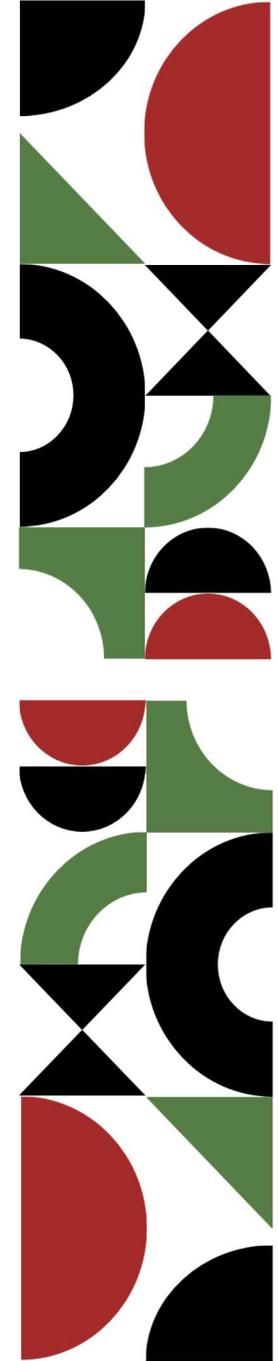
4. Integração e Coerência Conceitual

A combinação desses materiais e técnicas busca uma linguagem arquitetônica que seja ao mesmo tempo contemporânea, acolhedora e enraizada nos princípios do projeto. A textura e a cor do tijolo ecológico, o calor da madeira, a neutralidade do concreto e a leveza das coberturas deverão se articular para criar ambientes com identidade própria, que favoreçam a introspecção, a celebração e o convívio. A estratégia de implantação em níveis, respeitando a topografia, reforça o diálogo com o lugar e a natureza, um dos pilares conceituais. O equilíbrio entre economia, soluções técnicas adequadas e a expressão da linguagem conceitual é um fio condutor desta proposta.





ESTRATÉGIA DE
ORGANIZAÇÃO
LINEAR.
PERCURSO DE
APROFUNDAMENTO
NA RELIGIÃO





- 1 - ADMINISTRAÇÃO
- 2 - EXPOSIÇÃO
- 3 - BIBLIOTECA
- 4 - AUDITÓRIO
- 5 - ESPAÇO MULTIFUNCIONAL
- 6 - TERREIRO DE UMBANDA
- 7 - COZINHA E LANCHONETE

